

ANEXOS

ANEXO I

Guião da Entrevista aos quatro professores

Fases	Objetivos	Questões
Início da entrevista	<ul style="list-style-type: none">- Dar a conhecer a temática e explicitar os fundamentos e objetivos do estudo;- Agradecer a disponibilidade do entrevistado;- Garantir a confidencialidade.	
	<ul style="list-style-type: none">- Adquirir conhecimentos relativos à Identificação Pessoal;- Conhecer o trajeto profissional;- Perceber o nível de conhecimento no âmbito deste tema;	<ul style="list-style-type: none">- Caracterizar o perfil identitário pessoal de cada entrevistado:- Data de nascimento, naturalidade, local de residência, estado civil, agregado familiar, nacionalidade, profissão, período da infância, adolescência e idade

<p>Perfil dos entrevistados</p>		<p>adulta.</p> <ul style="list-style-type: none">- Traçar o perfil identitário profissional de cada professor:- Diferenças de género na profissão;- Expetativas, obstáculos e facilidades;- Continuidades / ruturas;- Tempo de Serviço;- Formação Inicial, contínua e formação no âmbito da Educação Especial;- Caraterísticas essenciais para exercer a profissão de professor de Educação Especial;- Expetativas relativas a esta profissão;- Continuidade na Educação Especial;
---------------------------------	--	--

		<ul style="list-style-type: none"> - Quadro específico na Educação Especial (Vantajoso ou não); - Inadequação das Políticas Educativas; - Funções dos professores ao nível do estabelecimento de diferentes relações (consigo próprios, com os alunos, com a comunidade, com os pais, com os colegas, no contexto de trabalho).
Desenvolvimento da Entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o professor no seu todo; - Pesquisar sobre a existência de um conceito específico de professor; - Delinear alguns aspetos que compõem a identidade docente; - Perceber a reação dos 	Perguntas da entrevista *.

	<p>professores face às diversas mudanças atuais;</p> <ul style="list-style-type: none">- Conhecer os contributos e expectativas destes face à formação especializada;- Caracterizar o professor do Ensino Especial quanto à sua formação sociológica e académica em Portugal;- Perceber a relação que cada professor mantém consigo próprio e com os vários intervenientes no ensino (alunos, pais, escola, comunidade e colegas) e refletir sobre o contributo que o professor de Educação Especial pode dar à sociedade atual.	
Conclusão	Agradecer a participação dos entrevistados.	

***Perguntas da Entrevista:**

1. Gostaria que me falasse de alguns dados relativos à sua Identificação Pessoal: Data de nascimento; Local de nascimento; Religião; Local de residência; Estado civil; Agregado familiar; Profissão e nacionalidade.
2. Relativamente à sua formação, qual é o seu curso de base?
3. O pensa a respeito da sua formação inicial e dos conteúdos nela lecionados?
4. Acha que o estágio foi uma mais-valia para a sua iniciação como professor?
5. Porquê essa escolha e mais tarde o Ensino Especial?
6. Em que momento da sua vida fez essa escolha?
7. Alguém o influenciou?
8. Como foi o seu percurso profissional?
9. Há quantos anos trabalha?
10. Que tipo de vínculo tem atualmente?
11. É feliz na profissão?

12. Considera que a escolha pelo Ensino Especial foi uma mais-valia para a sua formação pessoal e profissional?
13. No currículo do seu curso de base foram abordados conteúdos da Educação Especial?
14. Que conteúdos?
15. Acha que foram adequados?
16. Ao concluir o curso que lhe conferiu a especialização em Educação Especial sentiu-se apto para começar a lecionar nesse nível de ensino?
17. Lacunas sentidas no currículo do seu Curso de Especialização?
18. Já alguma vez foi formador(a)?
19. Acha que nas Políticas Educativas favorecem a formação?
20. Frequentou ações de formação durante o seu percurso profissional?
21. Em que áreas foram realizadas essas ações e porquê a sua frequência?
22. Considera a formação contínua importante?
23. Porquê?
24. Que formação realizou no âmbito da Educação Especial?
25. De que forma essa formação tem contribuído para o ajudar a desempenhar a sua atividade docente?
26. De que forma deveria contribuir?
27. O que representa a sua formação (académica e profissional) na sua atividade de professor, nomeadamente do Ensino Especial?
28. Que características considera essenciais para se exercer a profissão de professor do Ensino Especial?

29. Acha que houve uma mudança significativa na criação de um quadro específico para a Educação Especial?
30. O Ensino Especial está a corresponder às suas expectativas?
31. Se pudesse optar continuaria no Ensino Especial?
32. Estabeleceu relações de confiança com o grupo em que está inserida?
33. Sente-se respeitada na escola onde leciona?
34. Estabeleceu relações de amizade no local de trabalho?
35. Em que situação se estabeleceram essas relações?
36. Partilha com os colegas experiências profissionais?
37. E experiências de vida?
38. Que valores caracterizam os colegas com quem se relaciona mais?
39. Que conversas mantêm durante o intervalo, na sala dos professores?
40. E com os alunos, que género de relação estabelece?
41. Existe algum tipo de deficiência que a perturbe mais emocionalmente?
42. Acha que a vida pessoal interfere na vida profissional e vice-versa?
43. Gostaria que me falasse da sua Infância?
44. Nesse período, qual era a sua relação com a escola?
45. Alguma vez se relacionou na escola ou no seio familiar com crianças com N.E.E.?
46. Como era o seu relacionamento com os professores?
47. E com os colegas?
48. Caracterize-me a sua família.
49. Com que elemento (s) da sua família sente mais afinidade e porquê?
50. Notou alguma diferença pelo facto de ser mulher ou homem na sua educação?
51. Nos seus relacionamentos tem preferência pelo género masculino ou feminino?

52. Porquê?

53. Pratica algum tipo de atividade desportiva ou alguma atividade de caráter social?

54. Na infância e adolescência estabeleceu relações de amizade que se prolongam até aos dias de hoje?

55. Que qualidades valoriza nas pessoas e que considera essenciais para que seja seu amigo?

56. Sentiu que a adolescência foi um período difícil da sua vida?

57. Lembra-se de alguma situação que a tenha marcado mais?

Mais tarde, casou (exemplo, no caso da resposta à 1ª pergunta ter sido casada).

58. Onde e como se conheceram?

59. Namoraram quanto tempo?

60. Como foi a festa da vossa união?

61. Quem tratou dos preparativos?

62. Gosta de ser casada?

63. Porquê?

64. Como dividem as tarefas domésticas?

65. Tem irmãos?

66. Como é o seu relacionamento com eles?

67. Quando vão sair, com quem saem e quais os destinos escolhidos?

Como me referiu anteriormente tem filhos.

68. Foram planeados?

69. Como decorreu a gravidez?

70. Tinham preferência relativamente ao sexo do bebé?

71. Quais são as brincadeiras preferidas deles?

72. Gosta de brincar com eles?
73. Como se relacionam com o pai?
74. Os seus filhos frequentam a escola?
75. Gostam da escola?
76. Na escola dos seus filhos frequentam crianças com N.E.E.?
77. Qual o relacionamento deles com a diferença?
78. O seu filho frequenta atividades religiosas ou outras atividades?
79. Frequentam a Igreja?
80. Respeitam o calendário religioso?
81. Que programas televisivos lhe interessam mais?
82. E livros. Lê?
83. O livro que a marcou mais até hoje?
84. Pertence a alguma organização ou associação de carácter social, político ou religioso?
85. Preocupa-o a crise política, económica e social que o nosso país está a atravessar?
86. De que forma?
87. Que aspetos considera mais positivos na sua experiência pessoal?
88. E menos positivos, ou seja, que de alguma forma lhe tenham trazido alguma mágoa?
89. Acha que este conjunto de experiências, tanto na vida pessoal como profissional foi válido?
90. Teria outras questões a acrescentar?
91. Se tivesse de fazer um retrato de si mesma o que diria?

ANEXO II

ENTREVISTAS

ENTREVISTA Nº 1

Entrevista à professora P

Data: 19/07/2011

Hora: 11:00

Local: EB2,3 Dr. Ferreira da Silva (Sala B4)

Entrevistador - Estou a realizar esta entrevista no âmbito do meu trabalho de mestrado em Ciências da Educação subordinado ao tema Identidade Profissional dos Professores de Educação Especial ao nível dos processos de construção dessa mesma identidade.

Entrevistador - Então gostaria que me começasses por falar de alguns dados relativos à tua identificação pessoal, por exemplo data de nascimento, local de nascimento, religião, estado civil, uma abordagem.

P - Tá bem, chamo-me P, nasci a 20/05/75 amm, comecei a trabalhar em 1998, tirei Línguas e Literaturas – Português/ Inglês no Porto e entretanto mudei para o grupo de Educação Especial em 2005.

Entrevistador - Estado civil?

P - Sou casada, dois filhos.

Entrevistador - O pensa a respeito da sua formação inicial, dos conteúdos aí lecionados?

P - Foram adequados, acho que sim e depois toda a parte teórica que nos foi transmitida foi importante para mais tarde a aplicarmos na prática, para conferir alguma coerência à prática.

Entrevistador - E porquê essa escolha e mais tarde o Ensino Especial?

P - Essa escolha não digo que foi a primeira escolha mas foi a escolha inicial eu gostava de línguas e então fui para esse curso, mas na altura nem era com a vertente educativa em mente era não sabia muito bem, queria ir para tradução ou queria ir para outra coisa qualquer mas depois chegando-se à altura de decidir e optar por fazer estágio achei mais prudente fazer o estágio na via educacional porque era sempre uma garantia e tendo o estágio feito e o estágio deu tanto trabalho, custou tanto que depois toda a gente concorreu.

Entrevistador -E o porquê de mais tarde ires para o Ensino Especial?

P - Eu efetivei no meu grupo, efetivei longe não via perspectivas de me aproximar e entretanto comecei a ver as colegas que iam aos conselhos de turma do Ensino Especial

e comecei a pensar: “Ah eu era capaz de fazer aquilo que elas fazem” e meti-me na pós-graduação.

Entrevistador - Como mais uma saída profissional?

P - Como uma alternativa porque na altura havia a possibilidade de estar no grupo de origem e concorrer a destacamento e quando a pessoa não quisesse mais concorrer ao destacamento ficava com o seu grupo de origem. Só há três anos é que a pessoa teve que optar senão não conseguia ficar colocada e eu optei.

Entrevistador - Em que momento da tua vida fizeste essa escolha? Mais ou menos em que altura?

P - Foi há três anos no último concurso de 2009.

Entrevistador - Já tinhas tirado a pós – graduação?

P - Sim, tirei a pós-graduação para ficar para começar a trabalhar com o Ensino Especial no regime de destacamento porque era por prioridades quem não tivesse pós-graduação não tinha possibilidades ou não ficava ou ficava nas últimas posições então eu tirei a pós-graduação até mesmo para ver se eu gostava daquela área. Tirei a pós-graduação em 2005, 2004/05 mas andei por destacamento até 2009 que tinha que optar ou ficava no grupo de origem ...

Entrevistador - Só há três anos é que estás no grupo de Educação Especial?

P - Sim, sim.

Entrevistador - Há quantos anos trabalhas P ?

P - Há treze, treze exato.

Entrevistador - E que tipo de vínculo tens atualmente?

P - Eu entrei no quadro da Educação Especial no concurso em 2009, nomeação definitiva.

Entrevistador - E és feliz na tua profissão?

P - Sou, tem altos e baixos mas por enquanto apesar (risos) de dos cortes e de tudo que tem havido p'ra agora... Apesar de tudo é estável por isso é melhor não largar o que é estável pelo incerto não é?

Entrevistador - No currículo do teu curso de base foram abordados conteúdos da Educação Especial?

P - Não.

Entrevistador - Ao concluíres o curso que te conferiu a pós- graduação em Educação Especial sentiste-te apta para começar a lecionar nesse nível de ensino?

P - Na generalidade, sim, mas com muitas lacunas, pois os conteúdos são abordados muito superficialmente, e praticamente não houve aulas de cariz prático.

Entrevistador - Havia lacunas no currículo do teu Curso de Especialização?

P - Sim, senti que não foram abordados determinados conteúdos importantes como a elaboração e implementação de Planos Individuais de Transição para currículos específicos e falou-se pouco dos Sistemas Aumentativos e Alternativos de Comunicação.

Entrevistador - Já alguma vez foste formadora?

P - Não.

Entrevistador - Achas que as Políticas Educativas favorecem a formação?

P - Sim.

Entrevistador - Frequentaste ações de formação durante o teu percurso profissional?

P - Sim.

Entrevistador - Em que áreas foram realizadas essas ações e o porquê de as frequentares?

P - Frequentei formação sobre as TIC, para adquirir proficiência no seu manuseio e formação sobre Educação Especial, para adquirir novos conhecimentos e para consolidar práticas.

Entrevistador - Consideras a formação contínua importante?

P - Sim.

Entrevistador - Porquê?

P - Permite que os professores se mantenham atualizados e melhora as práticas docentes.

Entrevistador - Que formação realizaste no âmbito da Educação Especial?

P - Aplicação da CIF, elaboração de PEIS por referência à CIF e Dislexia.

Entrevistador - De que forma essa formação tem contribuído para te ajudar a desempenhar a tua atividade docente?

P - Tem permitido aprofundar conhecimentos e melhorar práticas pedagógicas, conhecer software adaptado, partilhar experiências, tirar dúvidas.

Entrevistador - O que representa a tua formação académica e profissional na tua atividade de professor, nomeadamente do Ensino Especial?

P - Enquanto docente de Educação Especial, a formação representa uma considerável mais-valia para o meu desempenho docente.

Entrevistador - Consideras que a escolha pela Educação Especial foi uma mais-valia para a tua formação pessoal e profissional?

P - Sim, sim ,sim.

Entrevistador - Que características consideras essenciais para exerceres a profissão de professor do Ensino Especial?

P - Primeiro a pessoa tem de ter (riso) ahah muita capacidade de ajuste, adaptar-se aos alunos, adaptar-se às pessoas porque no meu grupo de origem eu não sentia isso, lidava sobretudo com os miúdos agora na Educação Especial não, a gente tem que lidar com muitos adultos, tem coordenar com técnicos, com professores, com diretores de turma, com os pais dos miúdos e eu no grupo do Inglês não conhecia os pais nem nada que se parecesse a menos que fosse diretora de turma, não via os pais em lado nenhum e nisto não, nisto uma pessoa tem que estar sempre em articulação com os pais e com os professores e com os diretores de turma e às vezes há adultos porque são mais difíceis do que muitos miúdos porque lidar com relacionamentos de adultos às vezes é mais complicado do que com os miúdos, os miúdos a gente dá um berro e eles calam-se e sossegam e os adultos não (riso) e quando querem criar problemas são complicados. Nunca houve nada assim por demais mas há situações que eu penso: “caramba é pior os grandes que os pequenos”.

Entrevistador - Achas que houve uma mudança significativa na criação de um quadro específico para a Educação Especial?

P - Ai houve, houve, muito mais estabilidade, muito mais possibilidade de dar continuidade pedagógica, criou-se uma identidade profissional que não havia porque quando era com o regime do destacamento os do especial eram os saltitões que andavam ali a cobrir faltas, a tapar buracos, vinha gente de Ciências, de Matemática, de Visual, de tudo quanto havia dar Ensino Especial mas também nessa altura não havia as exigências que há agora se houvesse já não haveria tanta... mas a partir do momento que qualquer grupo podia ficar destacado com Educação Especial quer dizer, que uniformidade é que havia ou que rigor é que havia? Não digo que tenham que ser

professores do 1º ciclo ou só professores de português ou de matemática mas são preparações muito distintas e depois um ano ficavam, no outro ano já não ficavam.

Entrevistador - Muitos nem teriam a especialização?

P - Não, não, porque ficava-se colocado mesmo sem a especialização.

Entrevistador - O Ensino Especial está a corresponder às tuas expetativas?

P - Não está a superar as expetativas mas é o que eu estava à espera.

Entrevistador - Se pudesses optar entre o teu curso de base e a Educação Especial continuarias na Educação Especial?

P - Quando eu mudei para este grupo foi com a noção que não havia volta atrás. Não há volta atrás, agora para concorrer novamente ao grupo de origem a pessoa vai em última prioridade não tem e não tem hipótese, mas eu não estou arrependida.

Entrevistador - Mas se houvesse oportunidade de mudança?

P - Umm não sei se mudava outra vez, não porque a pessoa muda e fica sempre a pensar o que é que eu deixei, o que é que eu estou a perder, o que é que eu vou ter que podia não ter. Mais vale estar quieto.

Entrevistador - Estabeleceste relações de confiança no grupo onde estás inserida?

P - Sim, sim.

Entrevistador - Sentes-te respeitada na escola onde lecionas?

P - Respeitada? Sim, sim claro.

Entrevistador - Partilhas com os colegas experiências profissionais? Há uma partilha?

P - Sim, de conhecimentos obtidos com a formação, de materiais, de experiências.

Entrevistador - Achas que estabeleceste relações de amizade no local de trabalho?

P - Sim, sim, não são amigos de trazer por casa, mas são amigos. (risos)

Entrevistador - Ou são colegas?

P - Se calhar são mais colegas, se não são de trazer por casa. (risos) Mas eu tenho uma amiga, no último agrupamento onde eu fiquei tenho uma amiga que essa é de trazer por casa. Aqui acho que também, às vezes é quando uma pessoa se afasta dos colegas é que acaba por ver quais é que ficam como amigos, quais é que eram realmente colegas percebes?

Entrevistador - E que experiências de vida é que retiraste ou retiras do grupo em que estás?

P - Mas quê ao nível profissional?

Entrevistador - Sim profissional, pessoal.

P - Experiências de vida para mim são positivas agora é assim, uma coisa que eu não estava à espera é que se passasse tanto tempo a fazer tanta documentação, tanta papelada, coisas que aparentemente a gente pensa: “ah faço isso num instante é quase só pôr cruces” mas depois não é, para preencher um relatório mesmo que seja só de cruces leva uma hora, duas e se for para pôr uma observaçõezinhas é mais uma hora, portanto são coisas que se a pessoa quiser fazê-las bem-feitas e com rigor e de forma a que não seja só um papel que possa ter informações que venham a ser úteis para para o ano seguinte ou para o conselho de turma ou para isto ou para aquilo ocupa muito tempo e depois em casa queixam-se que eu passo muito tempo ao computador (risos), por isso experiências de vida depende da perspetiva por onde se vê.

Entrevistador - E que valores caracterizam os colegas com quem te relacionas mais?

P - A honestidade, a sinceridade, o trabalho, um ou outro é assim um bocado obstinado, um ou outro á demasiado (risos) às vezes demasiado relaxado mas depois quando chega a altura de mostrar as coisas feitas toda a gente as tem feitas, por isso e são responsáveis.

Entrevistador - Que conversas manténs durante o intervalo na sala dos professores, por exemplo?

P - Ah é sobre os alunos e às vezes coisas da vida, é mais sobre os alunos é, uma coisa ou outra a nível pessoal com aqueles com quem se tem mais proximidade.

Entrevistador - E com os alunos, que género de relação estabeleces?

P - Eu procuro estabelecer uma relação aberta, de trabalho, de amizade com aqueles com quem é possível criar esses vínculos, aaa de respeito, de de sinceridade.

Entrevistador - Existe algum tipo de deficiência que te perturbe mais emocionalmente, trabalhar com crianças com esse tipo de deficiência?

P - Ai trabalhar com miúdos com essa deficiência? Paralisia Cerebral eu eu (riso), trabalhar numa U.A.M. não era para mim.

Entrevistador - Mas nunca trabalhaste diretamente?

P - Fiz um período de substituição de um mês e estava deserta que chegasse ao fim.

Entrevistador - Pois.

Entrevistador - Achas que a vida pessoal interfere na vida profissional e vice-versa?

P - Interfere, interfere, pois se a gente tem um miúdo que todos os meses está doente e fica uma semana em casa, para não faltar uma semana todos os meses tinha que fazer uma ginástica de andar a levá-lo aos avós, de ir levar e ir buscar e trazer mais cedo para fazer o tratamento e depois claro isso interfere porque a pessoa anda cansada, desgastada...

Entrevistador - Claro e leva-se muitas vezes trabalho para casa.

P - Leva-se trabalho para casa e depois chega a hora de jantar e a pessoa está de volta do computador e o marido reclama.

Entrevistador - Agora queria que me falasses sobre a tua infância. Podes começar por falar, por exemplo, do teu relacionamento na escola?

P - Era bom, sempre foi.

Entrevistador - Andaste no J.I.?

P - Sim, dois anos de pré e depois na escola era normal, era bom.

Entrevistador - Gostaste?

P - Gostei, eu tenho assim flashes, recordações da infância e era tudo bom não era como agora (risos).

Entrevistador - E eras boa aluna?

P - Era razoável, níveis quatro, por aí, não era aluna de cinco. Tirava assim um cinco aquelas Moral e coisas assim. Eu se tirasse um quatro já ficava feliz da vida.

Entrevistador - Eras uma aluna responsável, respeitada no teu grupo?

P - Era, era.

Entrevistador - E na tua escola havia crianças com N.E.E?

P - Não, eu nunca me lembro de ter nenhum N.E.E. nas minhas turmas. Nem na primária, nem no pré - escolar, nem na preparatória, nem no secundário não puff.

Entrevistador - E na tua família?

P - Nessa altura não. Agora tenho, a filha duma prima minha, mas na altura não tinha ninguém, quer dizer nem contacto a nível familiar com essa realidade tinha.

Entrevistador - E o teu relacionamento com os professores?

P - Era, era bom e também as turmas em que eu estava também... vendo agora do lado de cá eram turmas maravilhosas, não havia o mínimo de... (risos), mesmo no estágio tive uma turma complicada...

Entrevistador - Maravilhosas em que aspeto?

P - Porque eram obedientes, eram trabalhadoras, eram respeitadoras, eram bem educados. Eu depois no ano do estágio tive no Porto uma turma complicada e eu era assim: “Deus do céu como é que isto existe no mundo? Eu nunca tive numa turma assim, não conheço nenhuma turma assim, na minha escola nunca houve turmas assim, nunca vi semelhante coisa (risos) só nos filmes”.

Entrevistador - E a tua professora era rígida?

P - Ao nível da primária?

Entrevistador - Sim.

P - Não, era já não me recordo bem mas era normal. Mas exigia, era exigente.

Entrevistador - Carateriza-me a tua família. És casada?

P - Sim, tenho um irmão que também tem filhos, tenho um cunhado que também tem duas filhas, avós, tios, o normal.

Entrevistador - E qual é o elemento da tua família com quem tu sentes mais afinidade?

P - A minha mãe já é falecida, portanto será o meu pai.

Entrevistador - Porquê?

P - Porque é pai, porque é um laço muito próximo não é e na ausência da mãe então ainda mais próximo é esse laço.

Entrevistador - Teve de fazer o papel de pai e de mãe.

P - Não foi tanto assim, eu já tinha vinte anos quando ela faleceu.

Entrevistador - Notaste alguma diferença pelo facto de seres mulher na tua educação?

P - Não, não. Nunca houve distinção de género. Na educação escolar não a nível familiar há diferenças, claro. Eu comecei a sair à noite porque saia com o meu irmão. Quando ele tinha carta eu saia, mas saia com ele não saia sozinha nem saia com quem eu queria (riso). Saia com quem ele saia (risos) ou então ficava em casa.

Entrevistador - E nos teus relacionamentos entre colegas tens preferência pelo género masculino ou feminino?

P - Ah é igual, mas às vezes as mulheres são mais complicadas, às vezes os homens são mais simples, não é simplistas mas simplificam.

Entrevistador - Praticas algum tipo de atividade desportiva ou de carácter social?

P - Vou ao ginásio quando dá, quando não há muito trabalho e já não vou há um tempo. A nível social pertenço à associação de pais da creche do meu filho, quando há festas, quando há feirinhas para angariar fundos participo, esse género.

Entrevistador - Sentiste que a adolescência foi um período difícil na tua vida?

P - Não, foi uma transição normal.

Entrevistador - Lembras-te de alguma situação que tenha marcado mais durante a tua vida?

P - Há aqueles marcos não é, o casamento, o nascer dos filhos, tudo isso marca como é evidente.

Entrevistador - E negativamente, assim alguma situação?

P - Foi a perda, a perda do elemento materno. Negativamente acho que foi esse o aspeto mais negativo.

Entrevistador - Depois casaste não é? Onde é que conheceste o teu marido?

P - Conheci-o num bar através de amigos comuns.

Entrevistador - Ai é, mas já se conheciam há algum tempo?

P - Não, um amigo meu também era amigo dele é que mo apresentou, foi através de amigos comuns.

Entrevistador - E depois o namoro durou quanto tempo?

P - Três anos. Três ou quatro anos.

Entrevistador - Como é que foi a festa da vossa união?

P - Como é que foi a festa? Foi uma boda, o habitual. Casamento religioso, civil e boda.

Entrevistador - Quem é que tratou dos preparativos, foste tu foi ele?

P - Isso é para o mestrado? (risos)

Entrevistador - É, sabes que eu estou a usar o método de Histórias de Vida.(risos)

P - Quem tratou dos preparativos foram os dois. Foi.

Entrevistador - Gostas de ser casada?

P - Simmm.

Entrevistador - Porque é que gostas de ser casada?

P - Porque é diferente, partilha-se coisas, constrói-se uma história de família, tem uma casa que eu gosto e pronto.

Entrevistador - Como é que dividem as tarefas domésticas?

P - Divisão das tarefas domésticas? Eu faço quase tudo (risos).

Entrevistador - Então não há divisão?

P - Não, ele faz alguma coisa mas é preciso que lhe diga, olha vai estender a roupa, ou vai pôr o lixo, algumas coisas ele já faz pronto mas quando vê que o balde está cheio vai despejar não é, mas tem outras coisas que...,por exemplo, no início não tinha ninguém para limpar a casa e a casa é grande e então ao sábado era o dia de limpar a casa e a função dele era aspirar e a minha era limpar, chegava-se às quatro da tarde e ele ainda não tinha aspirado, o que eu estava à espera que ele fizesse para a seguir eu ir, eu ir limpar e então ao fim de um ano meti uma empregada para limpar, pronto, resolvi o assunto.

Entrevistador - Umm já me disseste que tens um irmão, como é que é o teu relacionamento com ele?

P - Não é assim de andar aos beijinhos e abraços, é assim um bocado distante é...

Entrevistador - Mas por questões de distância, mora longe?

P - Por questões de distância, também por questões de sei lá, pronto tratamos do que é preciso tratar mas não andamos assim agarrados um ao outro.

Entrevistador - Quando vais sair com quem saís e quais os destinos normalmente escolhes?

P - Em família saídas à noite acabaram agora com o pequenito, às vezes saem. Sai o pai e a filha e eu fico com ele ou então saio eu e a filha e ele fica com o pequenito porque ele tem que deitar-se cedo, agora saídas em família é para fazer férias, ou para ir à praia, ou para ir aos avós, ou para ir almoçar fora. Vamos todos.

Entrevistador - Mas não vão com casais amigos?

P - Umm isso é raro porque depois a vida acaba por, nós para combinar para sair com alguém a gente nunca tem hora para sair de casa, depois acontece isto, acontece aquilo e acabamos por sair mais em família ou levamos os meus sogros ou coisa assim, agora sair assim com grupos de casais, tem um grupo de casais amigos do meu marido que às vezes fazemos assim para aí duas vezes ao ano uma jantarada ou um piquenique quando é de verão mas sair regularmente, tipo ao domingo vamos almoçar fora e levamos um grupo de casais isso num costumamos fazer.

Entrevistador - Já me disseste que tens dois filhos. Foram planeados?

P - Foram, foram.

Entrevistador - E a gravidez correu normalmente?

P - Correu, correu.

Entrevistador - Tinhas preferência pelo sexo do bebé?

P - Não, não, o que eu queria é que fosse perfeito (risos) de resto era indiferente.

Entrevistador - Quais são as brincadeiras preferidas deles?

P - É ler histórias, é brincar no jogo da Nintendo, a wii ou andar de bicicleta, eles entretêm-se muito sozinhos também se pegam às vezes um bocado mas...

Entrevistador - Tu gostas de brincar com eles?

P - Quando dá tempo gosto. Agora a pessoa chega a casa e tem que pôr o jantar a fazer, tem que pôr o banho a andar, tem que fazer tanta coisa que às vezes o tempo de brincar é um bocadinho no fim de jantar, pouco, depois chega a hora de ir para a cama.

Entrevistador - Quando brincas, o que é que costumavas brincar com eles?

P - É lá nos jogos da wii ou vamos ao jardim ou vamos dar um passeio no fim de jantar, vamos dar assim uma volta ao quarteirão.

Entrevistador - E o relacionamento deles com o pai?

P - É igual, é bom.

Entrevistador - E os teus filhos frequentam a escola?

P - Sim.

Entrevistador - E gostam da escola?

P - Gostam.

Entrevistador - Na escola dos teus filhos há crianças com N.E.E.?

P - Na escola do meu filho há, há um síndrome de down..

Entrevistador - Qual é o relacionamento dele com a diferença?

P - Não está na sala dele, portanto ele não tem...

Entrevistador - Mas nunca falou sobre isso?

P - Não, sabes que ele só tem dois anitos, ainda nem sequer se apercebeu.

Entrevistador - A tua filha?

P - Na escola dela não há, por acaso não há nenhum N.E.E.

Entrevistador - Mas nunca falou sobre isso?

P - Não ela às vezes fala dos meus alunos. Vê por exemplo, vê-me a fazer fichas e materiais para trabalhar com eles e pergunta : “Em que ano anda? Eu digo: anda no 5º ano, mas eu fazia isso”. AA acha, pronto, que são coisas muito desfasadas da idade, que são coisas muito básicas, muito elementares, mas ...

Entrevistador - Os teus filhos frequentam atividades religiosas ou outras atividades?

P - Ela anda na catequese anda. Anda na natação, na dança, agora vai para a música. É um corrupio para andar a levar e a trazer.

Entrevistador - Costumam respeitar o calendário religioso?

P - Sim, sim sim, procuramos respeitar, pelo menos aquelas datas principais.

Entrevistador - Que programas de televisivos te interessam mais?

P - A mim pessoalmente, eu vejo muito pouca televisão porque o tempo é muito pouco. É as notícias e à vejo as séries do canal 2 que dão já na hora em que os miúdos já estão na cama a partir das dez, dez e meia, o noticiário também acaba por ser muitas vezes o das dez. Para a criança comer tem de se mudar a televisão para a R.T.P. 2 para ver bonecos portanto não se vê as notícias. Depois vejo as notícias às dez.

Entrevistador - É difícil com crianças.

Entrevistador - E livros, lê?

P - Leio, vou lendo.

Entrevistador - Mas que livro te marcou mais até hoje?

P - Ui eu já li tantos, mas os mais recentes que li foram os dois romances do Sousa Tavares, Equador e o Rio das Flores e li quase todos os do Rodrigues dos Santos. Foram os que eu li mais recentemente. São romances bons, são bons.

Entrevistador - São os que estão mais presentes.

P - São bons e estão presentes porque foram recentes.

Entrevistador - Preocupa-te a crise política, económica e social que o nosso país está atravessar?

P - Preocupa porque também me toca (risos).

Entrevistador - De que forma?

P - De que forma? Na redução do vencimento todos os meses, no corte do subsídio de natal no próximo ano, no facto de estar com a progressão em índice remuneratório congelada já há cinco ou seis anos. Isso preocupa e aborrece-me um bocado.

Entrevistador - E relativamente à avaliação dos professores? Estamos agora a passar um período de avaliação, o que é que tens a dizer sobre isso?

P - Por agora está tudo a correr bem porque ainda não saíram as classificações (riso). Quando saírem as classificações logo se vê aaa (riso).

Entrevistador - Mas achas pertinente continuar com a avaliação?

P - É acaba por ser pertinente e se for nestes moldes não é assim tão burocrático pronto, o facto de ter as aulas assistidas que parecia para muita gente um bicho-de-sete-cabeças não faz lá grande moossa, é mais o pormenor e o rigor que se tem que ter a pôr tudo no papel e depois fazer aquelas atas, mas isso é necessário porque depois se houver uma necessidade de reclamar ou de apresentar um recurso tem que haver coisas escritas, tem que haver coisas fundamentadas.

Entrevistador - Então não achas tão mau?

P - Não é tão burocrático como parecia ser no início.

Entrevistador - Achas que este conjunto de experiências tanto na tua vida pessoal como profissional tem sido válido?

P - Tem, tem.

Entrevistador - Terias outras questões a acrescentar às que já foram colocadas?

P - Como é que vai ser feito o tratamento destes dados todos tão distintos.

Entrevistador - Agora vou passar para o computador todas estas entrevistas não é e depois já tenho algumas categorias e depois, vou portanto dentro das categorias que eu selecionei, vou retirar dos textos que vocês me forneceram nas entrevistas e vou classificá-las, mas claro que ainda vou ter algumas reuniões com a professora que também me vai orientar nesse sentido. Ainda tenho algum trabalho pela frente.

Entrevistador - Se tivesses que fazer um retrato de ti mesma o que é que dirias?

P - Um retrato pessoal, profissional?

Entrevistador - Sim um retrato pessoal, profissional como é que te caracterizavas a ti própria?

P - Professora, cumpridora, ummm mais, sei lá.

Entrevistador - O que é que os teus olhos dizem?

P - O que é que eu vejo? Vejo que podia fazer mais, mas também se eu não tivesse outra vida que não a escola não é, por exemplo falava-se de haver um portefólio e num sei quê, eu estava perdida se eu tivesse que apresentar algum portefólio porque para isso é preciso a pessoa desde o início do ciclo de avaliação ter isso em mente e andar sempre a organizar os materiais, ter tudo direitinho e a minha vida familiar não permite isso.

Entrevistador - E valores como pessoa, como é que te caracterizas como pessoa?

P - Trabalhadora, honesta, cumpridora, sei lá...

Entrevistador - Muito obrigada pela tua entrevista.

Duração: 41m e 27 s

ENTREVISTA Nº 2

Entrevista à professora M

Data: 19/07/2011

Hora: 17:00

Local: EB2,3 Dr. Ferreira da Silva (Sala dos Diretores de Turma)

Entrevistador - Gostava de começar por dizer que estou a realizar esta entrevista no âmbito do trabalho de mestrado em ciências da educação, com o tema: identidade profissional dos professores do Ensino Especial – processos de construção.

Entrevistador - Como tal, gostava que me falasses um pouco de ti, começando pela tua identificação pessoal, data de nascimento assim como o local, a residência e estado civil.

M - Eu sou a professora M, nasci a 26 de Março de 1969, pertenço ao concelho de Santa Maria da Feira e vivo em Souto, tenho 42 anos. Aaaaa a nível da atividade profissional, aaa, o meu curso de base, aaaa, é Educadora de Infância, aaa. Fiz o

complemento de formação aaaa que terminei em 2003 e estou colocada em quadro de agrupamento no grupo 910, tenho 2 filhos e sou casada.

Entrevistador - O pensas a respeito da tua formação inicial e dos conteúdos nela lecionados?

M - Os conteúdos foram adequados, acho que sim. O meu curso teve uma grande componente prática, tínhamos cadeiras de expressões e realizámos vários trabalhos práticos.

Entrevistador - Diz-me o porquê da tua escolha pelo ensino especial, mais tarde?

M - Porque, desde que aaaa tirei o curso de base de educadora de infância, tive com crianças cooom deficiências, nomeadamente com trissomia 21, deficiência mental aa graves e moderadas, inseridas na sala do regular. E sempre pensei que quando fosse tirar qualquer outra formação seria para aprender mais no sentido de aaa ajudar essas crianças, eee...

Entrevistador - Em que momento da tua vida fizeste essa escolha?

M - No momento em que saíram os complementos de formação aaa para ficarmos como licenciadas, porque eu terminei o curso de educadora de infância em 1991, e aaa exerci durante 12 anos como educadora de infância, aaa como te disse, onde tive crianças ditas normais e crianças com deficiência, e depois saíram os complementos para ficarmos com licenciatura, e eu optei por ir tirar um complemento queee meeee desse mais habilitações para exercer e para aprender no fundo. Não me interessava ir tirar um complemento para dizer que tinha a licenciatura, mas sim para aprender algo de novo ee melhorar a minha prática profissional, mais concretamente, até com estas crianças, e acho que as práticas que se, que eu efetuava na altura com os alunos com deficiência poderia aaa tirar alguma...algun proveito daí para outras crianças que não tinham

deficiência mas que tinham algumas dificuldades, porque é assim, as crianças são diferentes, nem todas têm o mesmo ritmo.

Entrevistador - Mas alguém te influenciou ou foi mesmo...?

M - Foi mesmo por mim, na altura foi por opção mesmo.

Entrevistador - Então fala-me um bocadinho do teu percurso profissional. Já me falaste que tiveste 12 anos no pré-escolar...

M - Tive 12 anos no ensino pré-escolar aaaa numa instituição particular, depois, durante esses 12 anos aaaa andei a trabalhar e a estudar nos últimos 2 anos aaaaa foi em 2001/2002, 2002/2003 que tirei o complemento de formação eee em Educação Especial – problemáticas de risco aaa na Escola Paula Frassinetti eee aaa na altura aaaa que andei a tirar estava a trabalhar na mesma, entretanto, nesse ano 2003 terminei oooo aaaa licenciatura, o complemento eeee concorri e fiquei colocada na Madeira, na mesma...no mesmo setor de ensino, no grupo 100 que é de Educadora de Infância aaaa depois aaaa no ano seguinte ...

Entrevistador - Lecionaste na Madeira?

M - Não cheguei a estar lá o tempo todo, depois entretanto entrei de gravidez de risco e vim para cá. Depois no ano seguinte fiquei colocada aaa em Paredes onde também não exerci no regular, porque pedi destacamento para a Educação Especial eeee aaaa a partir do ano 2004 aaaa até atualmente, tenho estado a exercer na Educação Especial, estive aaaa...

Entrevistador - Então há quantos anos trabalhas ao todo?

M - Vou fazer 20, este ano. Aaaa no ano 2004/2005 estive a apoiar noo, na Educação Especial aaaa alunos ao nível do pré-escolar, aaa 2 alunos, um com asperger, outra menina com spina bífida e 2 alunos com atraso do desenvolvimento global, aaaa no ano

de 2005/2006 aaaa estive no agrupamento onde estou atualmente no quadro, e também estive no ensino pré-escolar, a dar apoio a dificuldades a nível...atrasos do desenvolvimento global, eee mais nada concretamente. Depois a partir do ano 2005/2006 até este momento estou a exercer numa unidade de multi-deficiência, já trabalhei com meninos autistas, já trabalhei com paralisias cerebrais, aaa já trabalhei com deficiência mental grave, e aaaa há 2 anos para cá, para além de estar a trabalhar aaaa com deficiências mentais graves, aaaa com paralisia cerebral também estou a exercer o cargo de coordenadora de Educação Especial no agrupamento onde me encontro que é em Couto - Cucujães.

Entrevistador - E és feliz na profissão?

M - Sou, porque é assim, aaaa eu aaa pronto, quando optei aaa numa fase inicial, sou sincera, até era também uma forma de estar mais próximo de casa, mas também era uma forma...uma das atividades quee me suscitava uma certa curiosidade eeee pronto, sempre acreditei que estas crianças, este alunos têm as suas dificuldades, têm as suas deficiências, porque agora os alunos com dificuldades de aprendizagem, não nos abrangem a nós, são os alunos com uma deficiência comprovada sempre achei que os alunos que precisam de aaaa um apoio muito grande eeee de alguém quee... que acredite que eles são capazes e é assim, aaa acho que da experiência que tenho, aaa muitas das vezes as pessoas desistem, porque a evolução destes alunos não é tão rápida como os alunos ditos normais, aaaa e muitas das vezes tem que se lutar contra tudo e contra todos, porque aaa a maioria é de facto o que se vê, que a maioria não consegue, e então as pessoas desistem, e eu tenho outra visão, eu acho que não, eu acho que eles conseguem, não conseguem hoje, amanhã ou depois de amanhã, num mês ou dois, mas daqui a três ou quatro meses, conseguem, é assim, nunca se pode levantar expetativas

muito altas, mas devagar devagarinho a gente vai conseguindo que eles vão evoluindo e vão atingindo algumas metas, que é assim, e tenho conseguido isso e me dá por feliz, porque acho que é mais importante, e as vezes conseguir que estes alunos devagar devagarinho vão conseguindo alguma coisa, do que dizer assim, num mês ou dois aquele aluno como tem problema nenhum conseguiu fazer isto ou aquilo, é assim...

Entrevistador - É mais gratificante...

M - É mais gratificante, no fundo é.

Entrevistador - Então, características que consideras essenciais para conseguir exercer a profissão de Professor do Ensino Especial?

M - Primeiro, ter muita sensibilidade, primeiro de tudo, aaaa porque é assim, não é sensibilidade no sentido de ver os alunos com uma deficiência como sendo os coitadinhos, porque eu recuso-me, e acho que eles não são coitadinhos nenhuns, nós é que os fazemos de coitadinhos, mas sim sensibilidade no sentido de de ter consciência que eles têm aquelas limitações mas têm que ter a ajuda, aaa se calhar numa fase inicial a tempo inteiro e depois gradualmente, passo a passo começar gradualmente a fazer, a exercer e a realizar atividades que os leve a conseguir etapas. A sensibilidade deve passar, não por eles serem uns coitadinhos, mas pelo facto de ter consciência de que eles também são capazes de fazer. Segundo aaaa ser persistente e não desistir, não só deles mas também aaaa no sentido de mudar muito a mentalidade das pessoas, aaa porque eu acho que já se têm conseguido grandes avanços mas ainda temos que conseguir mais, porque é assim, a inclusão ainda não está no sentido pleno e aaa e é assim, as pessoas já estão mais...

Entrevistador - Sentes resistência por parte de alguns colegas.

M - Claro, a gente sente sempre resistência, não é? Mas acho que já senti mais, acho que o facto destes alunos, a partir de agora estarem inseridos, mesmo aqueles casos mais graves, nas salas, estarem em contacto direto, serem vistos eeee aaa eee verem, tem ajudado a que inclusão se vá promovendo...

Entrevistador - Aconteça.

M - ...de qualquer forma eu acho que ainda temos um percurso muito longo a realizar, porque muitas das vezes é só aquela inclusão social, ainda há aquela resistência, que eles não conseguem aprender nada, que eles não conseguem fazer nada, que é só o estarem junto de... e é assim, se nós não acreditamos que eles consigam alguma coisa, aaa também quem é que vai acreditar, porque nós é que estamos mais aaa diretamente com eles. E é assim, temos que ter uma persistência grande. Se hoje o dia não corre melhor porque não conseguimos atingir aquela competências, mesmo utilizando uma estratégia muito diversificada, uma estratégia muito concretizada, porque eu acho que com estes meninos e principalmente com estes que têm uma deficiência grave e até às vezes com aquelas moderadas, tem que haver muita persistência, muita concretização nas atividades, porque, caso contrario, é assim, até às vezes os normais não se concretizar, não é o ler, e estar a dar imagens que eles vão lá, tem que haver mesmo muita persistência, aaaa e é assim, em termos de características, é essa, é ser persistente, ter sensibilidade, não desistir e aaa acreditar, essencialmente acreditar que eles conseguem, nem que seja às vezes numa criança com multideficiência, deficiente, transmitir uma mensagem através dum sorriso ou dum olhar, temos que acreditar que eles conseguem, porque se nós não acreditarmos que eles não conseguem, então é assim, entramos nós numa frustração e desistimos eee não pode ser, porque eles conseguem... eu acho.

Entrevistador - Ok! O que é que...

M - E pela experiência que tenho, tenho conseguido atingir esses objetivos, e ver que até o que tenho pensado, naquilo que tenho acreditado, que tenho conseguido.

Entrevistador - No currículo do teu curso de base foram abordados conteúdos da Educação Especial?

M - Sim.

Entrevistador - Que conteúdos?

M - Dificuldades de Aprendizagem Específicas, diferentes tipos de deficiência, inovação curricular, intervenção com os alunos NEE, legislação...

Entrevistador - Achas que foram adequados?

M - Sim

Entrevistador - Ao concluir o curso que te conferiu a especialização em Educação Especial sentiste-te apta para começar a lecionar nesse nível de ensino?

M - Sim

Entrevistador - Havia lacunas no currículo do teu Curso de Especialização?

M - Sim não aprendi a realizar testes de avaliação nem como planificar.

Entrevistador - Já alguma vez foste formadora?

M - Não.

Entrevistador - Achas que as Políticas Educativas favorecem a formação?

M - Sim.

Entrevistador - Frequentaste ações de formação durante o teu percurso profissional?

M - Sim.

Entrevistador - Em que áreas foram realizadas essas ações e o porquê de as frequentares?

M - Fiz formação em Autismo, CIF, elaboração de PEI, tecnologias de apoio, porque necessitava de adquirir conhecimentos nestas áreas.

Entrevistador - Consideras a formação contínua importante?

M - Sim.

Entrevistador - Porquê?

M - Porque permite-nos adquirir novos conhecimentos e melhorar a nossa prática pedagógica.

Entrevistador - Que formação realizaste no âmbito da Educação Especial?

M - Formação em Autismo, CIF, elaboração de PEI, tecnologias de apoio.

Entrevistador - De que forma essa formação tem contribuído para te ajudar a desempenhar a tua atividade docente?

M - Da melhor forma visto ter que trabalhar com alunos autistas, ter que avaliar alunos de acordo com a CIF e ter que elaborar os PEI, ter que utilizar sistemas alternativos e aumentativos de comunicação e claro permite-me melhorar a minha prática pedagógica.

Entrevistador - O que representa a tua formação académica e profissional na tua atividade de professor, nomeadamente do Ensino Especial?

M - Representa o meu profissionalismo e capacidade de melhorar o nível de desempenho dos alunos com quem leciono.

Entrevistador - Achas que houve uma mudança significativa na criação de um quadro específico para a educação especial?

M - Houve uma mudança e acho que essa mudança ainda se está a processar, porque, é assim, até agora aaa os alunos e no início quando comecei sentia muito isso, os alunos eram da educação especial, não eram da escola. Eram daquela professora, não eram da escola. Agora a criação do quadro ajudou aaa a que houvesse aquele professor especializado que está ali para ajudar os outros é mais um recurso que a escola tem, há o professor de Inglês, há o professor de Português, há o professor de Educação Especial. É mais um recurso que faz parte de uma equipa, uma equipa toda da escola, à qual o aluno pertence, e acho que nesse aspeto foi bastante positivo. aaa O decreto lei 3 também melhorou nesse sentido de atribuir aaa mais responsabilidade aos diretores de turma, no sentido de eles terem a consciência de que aaaeaeaeae ao terem um bocadinho de receio aaa já leva a ter outra mentalidade, porque é assim, o aluno já começa a ser daquela turma. É ee faz parte da responsabilidade do diretor de turma assumir determinadas aaaaaaa implementar determinadas medidas porque depois é um bocadinho...é da educação especial – do professor de Educação Especial, é que tem que se responsabilizado e ao atribuir a responsabilidade da coordenação doo doo PEI, ao diretor de turma e de todo o processo do aluno e ao atribuir a responsabilidade á escola que, e salientar que aquele menino é um menino da escola como outro qualquer, isso já foi muito bom, isso já é um grande passo para que a inclusão se processe aaa o que é como eu te disse, acho que ainda há muito caminho a percorrer, porque ainda estamos às vezes, ainda sinto um bocadinho nessa fase, a inclusão só se processar a nível do processo de socialização de estar ali integrado no fundo.

Entrevistador - Há integração e não inclusão...

M - Mas é assim, aaaaaa há casos que já se começam a ver, a inclusão naqueles caso de multideficiência, pronto, mais graves aí já se nota, aaaa que ainda ... temos ainda mais para andar.

Entrevistador - Mais caminho pela frente...

M - Mais caminho para percorrer.

Entrevistador - Então pelo que percebi o Ensino Especial está a corresponder às tuas expectativas?

M - Eu por mim, está!

Entrevistador - E se pudesses continuavas então no Ensino Especial?

M - É assim, eu estou no ensino especial, eu pertenço ao quadro ah ah ah,

Entrevistador - Mas se pudesses mudar, de grupo...

M - Não sei, neste momento não ia mudar.

Entrevistador - Não gostavas de voltar ao pré-escolar?

M - Sei lá, já há tantos anos que eu não estou...não sei...não sei...às vezes há momentos que eu penso isso. Porque é assim, também acho que é uma coisa que na Educação Especial está acontecer aaa é que é assim, há, é muita burocracia. Eu acho que não é só na Educação Especial...é em todo o ensino. Há muita burocracia, muitos papéis, muitas reuniões, muitos papéis...e às vezes o que me aborrece não é estar diretamente com os alunos, não é estar...

Entrevistador - ...no trabalho direto...

M - ...no trabalho direto com eles, mas é toda a organização em termos toda a dinâmica que envolve, em termos de papéis...toda a papelada, parece que qualquer coisa que se faça tem que se pôr no papel, tem que se pôr uma fotografia, tem que se pôr no vídeo, sei que se ...sei que se...nos que ...pronto aaaa devemos divulgar as boas

práticas que efetuamos, mas é assim aaa se se leva um trabalho a sério com um aluno na prática, às vezes não tenho pachorra para depois estar, porque tem que se pôr no youtube, porque se tem que pôr na plataforma da escola, porque tem que se escrever, porque se tem que avaliar ...

Entrevistador - ...mas isso agora é em todos os grupos, não é?

M - ...é em todos os grupos...

Entrevistador - ...não é só na E.E., é isso que os professores também estão a sentir...

M - ...é em todos os grupos, ...e eu acho que é assim, o importante, porque depois a gente vê a evolução do aluno, nestes alunos...não num período ou dois, mas as vezes num ano. Do princípio do ano até ao final, a gente vê a evolução, acho que sim, deve haver uma avaliação trimestral para a gente até ver e refletir, mas está-se a cair no exagero, tudo para o papel, tudo para o filme, tudo para a fotografia, pronto...

Entrevistador - Mas voltando à questão...

M - Ou havemos de estar a fazer uma coisa ou outra...

Entrevistador - Mas voltando à questão, tens saudades do pré-escolar ou não?

M - ...É diferente, é um trabalho totalmente diferente, claro que trabalhei no pré-escolar e tirei o curso base por vocação eee aaa e nummm, mas é assim, não sei é diferente, às vezes tenho, num vou dizer que não, mas aaa também gosto do que estou a fazer, também sinto que é assim eee...por exemplo estás a fazer esta entrevista no final do ano, onde eu estou a ver progressos nos miúdos, e estou a sentir-me realizada com isso...

Entrevistador - Claro!

M - Pronto...

Entrevistador - ...é importante.

M - Para mim, é o que me realiza mais é esse sentido, é chegar à beira de um miúdo daqueles...

Entrevistador - ...termos um feedback do nosso trabalho!

M - ...é, e ver que houve evolução neles, que já consegue ir á casa de banho sozinha, que já se consegue levantar de uma cadeira sozinha, que já consegue comunicar com o quadro de comunicação, coisas básicas, é assim, para mim é gratificante, que já consegue... um ou outro já consegue pronunciar uma palavra, outro que já consegue dizer... manifestar um sorriso de agrado quando entro na sala porque... manifesta, para mim isso é gratificante, é melhor do que tirar um 20, no fundo...

Entrevistador - Claro, claro, estou a perceber. E estabeleceste relações de confiança com o grupo em que estás inserida?

M - ...acho que sim. (riso)

Entrevistador - Eu também acho!

M - Eu acho que sim, e procurei sempre isso. Porque é assim, acho que não me adianta de nada, e sempre fui dessa opinião, trabalhar de forma isolada e até ter alguns conhecimentos e não os transmitir aos colegas, ou as colegas terem alguns conhecimentos e não os transmitir a mim, aaa quando eu digo conhecimentos, que é assim, ninguém abarca tudo sozinho, aaa se eu não divulgo aquilo que sei, e se as colegas não divulgam aquilo que sabem, e depois é assim, se a teoria que nós temos e depois a prática que nós temos, porque é assim, a teoria só tem interesse quando aplicada na prática, aaa...aaa se nós num houver um intercâmbio, um trabalho de ajuda, um trab...uma empatia grande entre as pessoas, de confiança, de bem estar, de uma ajudar num sentido, ou noutra, não é por eu estar a coordenar que sou melhor do que a colega que está no regular, acho que está a aa trabalhar, porque é assim, eu estou a

trabalhar como ela, e é assim, eu a coordenar, se algumas coisas que sei, se calhar há os outros colegas que também sabem e que me podem ajudar, apesar de ter mais, mais tempo...de serviço, apesar de pronto...e procuro sempre que essa relação de bem estar de troca de informação de trabalho e cooperação seja feito. Não só no tempo que estive...que não estive como coordenadora, mas até no tempo que estou como coordenadora, sempre foi o que disse ao grupo desde inicio, aaa com quem estou a trabalhar, queeee não sou coordenadora, sou uma colega que estamos todas no mesmo barco eeee todas no sentido de remar para a frente para ajudar estes alunos e os colegas que estão com eles eeee no sentido de todas melhorarmos as nossas práticas, porque não vale a pena estar a trabalhar, eee...

Entrevistador - E estabeleceste relações de amizade no local de trabalho?

M - Eu acho que sim, ehehe! Eu também acho que sim, ehehe! Mas é assim, pelo menos tento, é assim...

Entrevistador - Ou achas difícil estabelecer relações de amizade no local de trabalho?

M - Acho que não. Acho quee, é assim, a gente há sempre aquelas pessoas que gosta mais, que gosta menos. É assim, eu procuro dar-me bem com toda a gente, estabelecer um bom relacionamento porque estar a estabelecer maus relacionamentos num num vale de nada, nem para mim nem para os outros.

Entrevistador - Claro! E sentes-te respeitada, aqui na escola?

M - Também acho que sim. Se as pessoas acreditam no que eu faço...

Entrevistador - ...pela direção da escola, pelos colegas...?

M - Acho que sim! Acho que sim! Acho aaa que as pessoas acreditam no que eu faço, respeitam-me, pronto. Eu também tento, também, mesmo com a direção, com os

colegas que não...não são mesmo os colegas do grupo de EE, também tento estabelecer bom relacionamento, aaa pronto, de forma...

Entrevistador - Em que situações estabeleceste essas relações?

M - Com a direção, em todas as situações que envolviam situações de Educação Especialllll, situações deee até festas do agrupamento, jantares, aaa doutras situações que iam surgindo, prontos já estou aqui hááá 6 anos.

Entrevistador - Mas tudo relacionado com festas laborais, digamos?

M - Não, até mesmo com festas que se fazem a nível do período, no final do período, conversas quando a gente às vezes está na própria escola, nas horas de intervalo, em horas que se vem aqui. E com as colegas também, em horas de intervalo, em horas de lanche, ...pronto, ...telefone, porque é como eu digo, procuro estar sempre a perguntar se têm alguma duvida, não tenho vergonha, nem tenho medo de dizer que vão dizer que eu que sou a palerma que não sei, é assim, se não sei não sei, tento tirar a duvida com colegas que eu saiba que sabem, aaa tento ...se estou na duvida procuro fazer as coisa e procuro me informar de um lado e do outro de forma a não ir cometer o erro ou por menos evitar de o cometer, e pronto..

Entrevistador - E experiencias de vida, partilhas com os colegas?

M - Claro, essas experiências é que enriquecem o meu trabalho ...

Entrevistador - A nível pessoal também?

M - ...Num é com toda a gente, ahahaha, não é com toda a gente. Em termos profissionais partilho mais, não é? Porque acho que o nosso grupo ainda é um grupo muito recente eee aaaa eeee nós, aaa surgiu o grupo, surgiu a mudança de lei, foram montes de de de formulários que se tiveram que modificar, foram montes de de avaliações que se tiveram que fazer e que ainda se tem que fazer eeee aaaa acho que é

assim, houve, saiu o D.L., houve de de da parte do ministério houve um livro que lançou como sugestão, mas não houve um documento base que dissessem seguem isto à risca, e depois a lei é interpretada por uns duma maneira e por outros de outra...

Entrevistador - Tiveram que trabalhar arduamente para se fazer isso !!

M - E tivemos que trabalhar arduamente, e continuamos a trabalhar, acho que é assim, aaa esta troca de informação...

Entrevistador - Então as partilhas de vida pessoal que estávamos a falar?

M - As partilhas de vida pessoal, é assim, só mesmo com aquelas amizades amizades, pronto, tenho partilhas de vida às vezes, com as colegas até do meu grupo e fora do meu grupo, mas aquelas que euuu tenho, que são aquelas amizades mais... que eu sei que tenho que tenho, aaaa que a pessoa tem também amizade por mim, no sentido daquelas amizades mais profundas, mais que a gente sabe que tem confiança naquela pessoa.

Entrevistador - Claro, estou a perceber. Que valores caracterizam, os colegas com que te relacionas mais?

M - A amizade, a sinceridade, a ajuda... eee a colaboração em termos de trabalho.

Entrevistador - E que conversas manténs durante o intervalo, na sala dos professores?

M - Hum! Éee assim, aaa neste momento é só de trabalho ahahah!

Entrevistador - Ahah! Normalmente é trabalho!?

M - Ahah, é, normalmente é trabalho, porque é assim, o tempo é tão curto, então acaba por ser só trabalho, ...pronto! aaaa.

Entrevistador - A maior parte das vezes é conversas de trabalho!

M - É, é...

Entrevistador - E com os alunos, que género de relação estabeleces?

M - Sim, como eu estou a dizer, é assim, eu estou com um grupo de multideficiência de 4 meninos, e a relação que estabeleço, ééé, eu acho que é a melhor que posso estabelecer, uma relação boa em termos afetivos uma relação de trabalho, aaa e uma relação, a relação em termos afetivos boa de forma a que eles também tenham ...bom estar, sintam-se bem no espaço onde estão. Eeee a relação trabalho de forma a eles sentirem que não estou ali a olhar para o céu, mas que têm alguma coisa para fazer, aa para além da relação que tento sempre criar, aaa, porque é assim, não é só, mas também nas salas restantes, porque a inclusão pressupõe que os alunos também, aaa que a sala de multideficiência seja um recurso e não uma sala. Eee procuro também estabelecer bom relacionamento com o colega do regular e que os alunos daquela sala e até da própria escola onde estão...onde está a unidade, todos tenham um bom relacionamento com aqueles alunos, todos os conheçam de forma a saber até onde podem ajudar aqueles alunos, que comportamento podem ser aceitáveis ou não aceitáveis aaa de forma a que a inclusão seja promovida.

Entrevistador - Existe algum tipo de deficiência que te perturbe mais emocionalmente?

M - Uhuh! Não. Acho que...É assim...

Entrevistador - Não há nenhuma particularmente que exija mais de ti, emocionalmente?

M - É assim, eu quando comecei a trabalhar na sala de multideficiência, tinha um aluno autista que era um autismo clássico, puro, como a Dra. Guiomar do hospital pediátrico de Coimbra dizia, é um autismo puro, aaa passo a expressão dela. E é assim, eu quando tirei a especialização, debrucei-me mais sobre a deficiência mental, eee na altura ainda não se falava assim muiiito, ainda estava a começar a surgir, agora o autismo está muito em voga, é o autismo, é o autismo...mas na altura ainda era um ou outro e o miúdo

ainda não estava diagnosticado e depois comecei...é assim, aquilo para mim no início aaa no primeiro período, foi complicado, porque eu nunca tinha estado com alunos assim, nem autistas, e ele estava na sala de multideficiência porque tinha autismo e deficiência mental grave eeee tinha uma...paralisia cerebral com uma epilepsia incontrolado, que a menina dava-lhe ataques, que é assim, aquele primeiro impacto foi assim muito...

Entrevistador - ...Complicado?

M - Complicado, mas eu como não sou muito de desistir, pensei para mim, é assim, “tu vais conseguir. Tu não estás aqui para tomar conta deles, estás aqui para os ajudar, para eles evoluírem”. E olha, arregacei as mangas e comecei a investigar e a andar para a frente. E é assim das deficiências que eu conheço... eee foram as que eu te mencionei, não mete agora grande confusão, nenhuma delas. Agora é assim, eu sei que há outras deficiências, mas é assim, eu não tenho experiência e é assim, as que eu tenho é nesse sentido.

Entrevistador - Achas que a vida pessoal interfere na vida profissional e vice-versa?

M -...eu acho que sim, eu acho que sim, porque é assim, nós somos seres humanos e por muito que a gente queira separar as coisas, é assim às vezes tenho graves problemas de consciência porque às vezes paro um bocado porque tento ser profissional, não sei se sou ou não, mas por menos eu tento e esforço-me por isso, aaa sei que erro muitas vezes, eee é assim, mas pronto, e erro, ee...

Entrevistador - ...e é a lei da vida...

M - ...e é a lei da vida e tento fazer o melhor que sei, eea procuro, é como te digo, procuro muita informação, procuro trocar muitas ideias com os colegas que saibam o que eu penso, que saibam bem mais de que eu, e sabem! Eeee é assim, às vezes tenho

problemas de consciência, porque às vezes ponho a parte profissional à frente da parte pessoal, até em termos dos meus filhos, que acho que acabo por lhes dar menos tempo e neste momento acho que toda a gente está com esse problema, de ter tempo para a família que é o fator essencial, porque a gente precisa trabalhar de facto, maaas muitas das vezes não têm tempo para a família, porque o trabalho é trabalho e na escola, é trabalho em casa e esquecem..., eu às vezes esqueço-me um bocado dessa parte, ee ponho-me a refletir e penso assim, aaa os melhores momentos que eu estou a perdê-los de estar a passar com os meus filhos, será que isto no futuro... vou-me sentir mal, não é? Porque daqui a pouco eles fogem. Um tem 7 anos o outro tem 13, daqui a pouco eles não querem a mãe para nada, e depois é assim, aaaa eu vou pensar se..., “de quê que me valeu ser tão profissional se em termos de família eu também não dou apoio”, é assim, eu penso muito nisso, mas por outro lado também começo a pensar assim: mas eu também tenho que ser profissional naquilo que faço, o que faço, se não então o que é que eu estou aqui a fazer? É um dilema grande, mas que interfere, interfere. É assim, não é que tenha problemas. Tenho um marido que me apoia muito, eee é assim, quando eu não posso, ele apoia-me em termos dos meus filhos, pronto. Mas que interfere, interfere, porque nós atualmente não temos o mesmo tempo que tinham os nossos pais para connosco, porque até estavam em casa, porque...e eu sinto que estamos numa fase que a competição é tão grande e o querer fazer, e o querer fazer melhor do que outro e porque é assim eu nem é com o sentido de querer fazer melhor um do que outro, mas é com o sentido de de me meter de pés e cabeça no que...no que...no que me meto, e depois não querooo, quero ajudar, quero sentir, pronto acho que é meu dever e obrigação fazer isto e aquilo e aquilo e depois...depois o tempo não estica, não dá...

Entrevistador - Não dá!

M - Não dá para tudo! Mas que interfere, interfere!

Entrevistador - Pois, exato! Gostaria que me falasses um bocadinho da tua infância.

M - ...Minha infância! Olha, tenho 2 irmãos...

Entrevistador - Foi vivida aonde?

M - Tenho 2 irmãos, mais velhos do que eu 6 anos...

Entrevistador - Na tua infância estiveste com quem?

M - Estive com a minha mãe, com o meu pai, com os meus irmãos, com a avó...

Entrevistador - Não frequentaste Jardins de Infância?

M - Não!

Entrevistador - Foi sempre em casa?

M - Já...já sou velhota, já tenho 42 anos...eheh! Não, foi sempre em casa, mas acho que foi bom...

Entrevistador - Foi uma infância feliz?!

M - ...porque é assim, eu vivia aa, eu vivia,...vivia, agora é uma vila, mas era uma aldeia onde tinha campo, tinha casa, eu brincava às casinhas, brincava na ar...com terra, com areia, com erva dos campos...

Entrevistador -A tua mãe era doméstica?

M - A minha mãe era doméstica, era costureira mas estava em casa, brincava com as linhas da minha mãe, com os tecidos, é assim, não tinha aqueles brinquedos como os meus filhos agora têm, que se compram todos, mas tinha aqueles tachinhos pequeninos que se comprava nas festas, para a gente fazer a comida e assim, mas era assim, nós próprios arranjávamos os brinquedos, construíamos, arranjávamos as brincadeiras, brincava, brincava na rua se fosse preciso, pronto, não era uma rua onde passasse

muitos, muitos carros, não necessitava, porque tinha muito espaço em casa, mas às vez lá fugia à minha mãe, para ir brincar com o vizinho do lado. Ponto.

Entrevistador - Antigamente as ruas até eram em terra, algumas!

M - Lá não era, mas não passavam muitos carros.

Entrevistador - Mas tinha menos movimento, menos carros!

M - Andava, como chamavam antigamente, na mestra, para aprender ooo o catecismo, para fazer os trabalhos de casa, eu tinha os colegas da mestra, ia a pé para a escola, vinha para a mesma escola onde os meus filhos andam que agora já têm que ir de carro, é assim, acho que tive uma infância feliz.

Entrevistador - O teu pai era um pai presente?

M - Era um pai presente, mais a minha mãe, não é, que estava todos os dias, não é, pronto, a minha mãe é que estava todos os dias comigo. O meu pai era presente, e pronto, o meu pai é...sempre me protegeu, que eu era a menina, pronto, tinha dois meninos e eu era a menina, ahaha. E é assim, os meus irmãos eram mais velhos do que eu, eu brincava muito com dois primos que eram da minha idade, jogava a bola, era assim um bocado meia maria-rapaz, pronto.

Entrevistador - Nesse período como era a tua relação com a escola?

M - Até á 4ª classe era uma menina com dificuldades de aprendizagem, graças a Deus que não havia o D.L. 319 nem o 3, senão eu passava a NEE, tive uma professora na 4ª classe que...

Entrevistador - Ahaha, mas não gostavas da escola?

M - É assim, eu no 1º ano tive uma professora que foi no ano que entrou o surgimento do pré-escolar e passei o 1º período a fazer desenhos, grafismos, e não aprendi nada. E depois no 2ª ano tive que aprender a ler e a escrever, que apanhei uma professora que

era amiga da minha mãe, e é assim, a minha mãe depois, levei umas pantufadas bem dadas, que ela não tinha paciência para me ensinar, e eu tive que fazer no 2º ano o que deveria ter feito no 1º, e depois, pronto, fiz o 2ª, 3º no 4º ano apanhei também uma professora que também era amiga da minha mãe, e lembro-me perfeitamente de um dia ela estar a falar com a minha mãe, porque eu tinha dificuldades de aprendizagem aaa e tudo porque pronto nem fiz o pré-escolar, o 1º ano passei a fazer desenhos e grafismos e praticamente mais nada e aa depois no 4º ano tinha algumas dificuldades de aprendizagem e lembra-me de eu dizer á minha mãe que queria ir com as minhas colegas estudar e a minha mãe foi falar lá com a professora primária, que se dava bem e lembra-me de a ouvir e aquilo marcou-me para toda a vida, “tu não a deixes ir nada estudar porque ela não vai dar nada, ela não vai...não vai a lado nenhum”, e eu fiquei muito magoada com aquilo, lembro-me dela...

Entrevistador - São essas típicas professoras que não deixam saudades!

M - É, e fiquei mesmo magoada e disse assim, eu queria ir com as minhas amigas e tu estás a meter veneno na minha mãe e ela não me vai deixar ir e foi certo, a minha mãe não me deixou ir para Santa Maria da Feira fazer o ciclo, disse-me que eu ia ficar lá na telescola, que foi na altura em surgiram as telescolas. Mas não te vai adiantar de nada, porque eu vou conseguir e eu fui para a telescola e comecei a estudar, agarrar-me, não é, porque até aí não estudava, e comecei a tirar boas notas e comecei a tirar boas notas, e depois fiz o 6º ano e a professora da telescola começou a dizer à minha mãe: “deixe-a ir estudar, que é uma pena”. E a minha mãe dizia:” à mas a professora primária dizia que não.”, “Não! deixe-a ir estudar que é uma pena.” E eu lá fui estudar e pronto. E andei sempre...

Entrevistador - E estamos aqui com uma professora, à nossa frente!

M - E estamos aqui! Por isso é que eu acho que há meninos que dão para NEEs, porque surgiu a lei, porque antigamente, na minha altura ee recorda-me que nesse 4º ano mesmo, lembra-me perfeitamente dum colega meu que o desgraçado apanhava lá porrada como eu sei lá o quê, e é assim, se fosse atualmente já era um menino do CEI e ele atualmente, eu vejo-o, e ele atualmente é um grande industrial que ainda vive melhor do que eu! Ahah.

Entrevistador - Estás a ver como são as coisas?!

M - Por isso é assim, tem que se ver o que se faz.

Entrevistador - Claro. E também às vezes apanhar professores que não...

M - Os professores certos.

Entrevistador - ...os professores certos na altura certa, também é muito importante.

Entrevistador - Alguma vez te relacionaste na escola, no seio familiar com crianças com NEE.

M - Pois claro!

Entrevistador - Tens alguém, com alguma deficiência na família?

M - Eu tenho, uma prima com uma deficiência visual.

Entrevistador - E isso marcou-te de alguma forma?

M - Não! Só pela positiva

Entrevistador - Tornou-te mais sensível à deficiência?

M - Não. É assim, eu sempre estive sensível, e é como te digo, sempre acreditei e sempre apostei e sempre exigi de forma diferente, mas sempre que tinha meninos com dificuldades ou com deficiência, sempre procurei que eles fizessem as mesmas coisas que os outros faziam, duma forma ou de outra, mas participavam e faziam. E é assim, eu tenho mas essa minha prima é por parte do meu marido. E a imagem que eu tenho é

muito positiva porque ela é cega de nascença, neste momento tem o mestrado e está a trabalhar num banco no Porto, e é perfeitamente autónoma.

Entrevistador - Isso é um caso de sucesso.

M - Muito sucesso!

Entrevistador - E o teu relacionamento com os colegas, com os professores, já falamos. Mas com os colegas da escola?

M - Também acho que é bom...

Entrevistador - ...era bom?

M - ...eu não sei...mas sou suspeita!

Entrevistador - ...não, nessa altura do 1º ciclo.

M - Sim...

Entrevistador - ...era bom o relacionamento?

M - ...acho que era, nunca fui assim...

Entrevistador - Carateriza-me a tua família.

M - A minha família...

Entrevistador - O teu irmão que diferença faz de ti?

M - O meu irmão mais velho faz 6 anos...

Entrevistador - Quantos são?

M - Somos 3, tenho 2 rapazes, o meu irmão mais velho faz 6 anos e o outro faz 5.

Entrevistador - Então és a mais novinha da família!

M - É, eu sou a mais novinha, por isso é que eu te digo, que eu, brincava não com os meus irmãos, mas com uns primitos meus que eram da minha idade. Brincava mais com eles, porque eles eram mais os 2 juntos, pronto eee, quando eu estava a nascer eles já estavam a entrar na escola.

Entrevistador - Com que elemento da tua família sentes mais afinidade?

M - ...Neste momento? É com a minha mãe.

Entrevistador - É? Porquê?

M - Porque neste momento, é assim, tinha muita afinidade...tinha e tenho na mesma, com o meu pai, porque é assim, aaaa pronto é sempre aquela relação da menina com o pai. Neste momento a minha mãe teve um AVC, e praticamente sou eu que estou, ...quer dizer tenho uma senhora a cuidar dela, mas eu é que estou mais também, e estou com muita afinidade com ela, claro está.

Entrevistador - Notaste diferença, pelo facto de seres mulher na tua educação.

M - Notei...agora é que estou a notar, que agora o meu pai diz assim: “Tu é que és filha, ela só contigo sente-se mais á vontade.” E pelo facto também de quee é um bocado...pronto, eu era a menina aaa, pronto, os rapazes podiam sair mais, andar mais...

Entrevistador - Sentiste que os teus irmãos tinham mais liberdade?

M - Eu sempre tive mais restrições, mais proteção, até dos meus próprios irmãos, pronto.

Entrevistador - Nos teus relacionamentos, tens preferência pelo género masculino ou feminino?

M - Nunca pensei nisso, é assim, eu normalmente relaciono-me mais com mulheres, eu nunca pensei nisso.

Entrevistador - Não?

M - Não.

Entrevistador - Praticas alguma atividade desportiva, ou de carácter social?

M - Não.

Entrevistador - Não?

Entrevistador - E na infância e adolescência, estabeleceste relações de amizade que se prolongaram até aos dias de hoje?

M - Sim. Estabeleci! Uma das minhas cunhadas era a minha colega e amiga de infância ahah, e continuo a ter, essencialmente essa, e uma prima ...e uma prima do meu marido.

Entrevistador - E foi através dela que conheceste o teu marido?

M - Não, foi através de uma prima do meu marido, e depois a minha cunhada, também com a prima, éramos as três. E o meu marido, que era meu amigo também, depois é que passou a namorado e a marido, aahah.

Entrevistador - Sentiste que a adolescência foi um período difícil da tua vida?

M - Nem por isso.

Entrevistador - Não?

M - Não, não senti assim...nada de especial.

Entrevistador - Lembraste de alguma situação que te tenha marcado mais.

M - A morte da minha avó materna...aaa com quem...era assim, era a minha proteção, que os avós são sempre os protetores.

Entrevistador - Vivias com ela?

M - Ela vivia junto de nós, e é assim, pronto, eu era a menina mais nova, não é, depois pronto, a minha mãe claro que exigia, como eu agora exijo dos meus filhos e aaa minha avó era quem me protegia.

Entrevistador - Morava ali convosco, não é?

Entrevistador - E casaste, então estavas a dizer que foste amiga primeiro do teu marido. E como é que se conheceram, foi na escola?

M - Foi...não, foi no muro da igreja no dia dos fiéisahaha...Já conhecia o irmão e o primo e depois aaa estávamos a gozar com ele de ele estar lá junto do pai e da mãe. Estávamos lá no muro da igreja da...da...da, lá da junta de freguesia e estávamos a gozar e depois ele veio á nossa beira e eu conheci-o aí. Depois entretanto, eu estudava em São João e depois pedi transferência para a Feira e aaa nesse ano, depois entretanto, pronto, nós vínhamos a pé às vezes da escola juntos, estávamos no intervalo todos juntos porque estava com a minha cunhada e com a prima dele e aaa foi aí que eu o conheci.

Entrevistador - E namoraram quanto tempo?

M - Quatro anos, mas já éramos amigos há muitos anos.

Entrevistador - E como é que foi a festa da vossa união?

M - A festa da nossa união...?

Entrevistador - Sim, quem tratou dos preparativos?

M - Ah, é assim, do casamento foi a minha mãe, que ela é que pagou, ahah, o vestido fui eu que fui junto com a minha mãe, escolher. Da parte dele foi a mãe dele, aaa da parte do casamento, pronto, foi a minha mãe, pronto, dentro daquilo que também que eu dizia que ia gostando, não tudo, não é, porque não podia ser tudo...como a gente depois quer tudo mas não pode ser tudo, não é, aaaa, pronto.

Entrevistador - E foi onde a festa?

M - A festa foi...foi no ...num...foi...foi tipo em casa, num pavilhão que nós tínhamos. Que foi uma cozinheira que veio, foi assim, uma coisa feita, tipo um pavilhão onde se fez com uma cozinheira que na altura fazia mesmo esses casamentos e essas coisas todas.

Entrevistador - Familiar?

M - aaa foi familiar, não! Porque foi toda a gente que a gente queria, coz...mas não foi assim em nenhum espaço exterior, era um espaço nosso.

Entrevistador - Gostas de ser casada?

M - Eu gosto.

Entrevistador - Porquê?

M - Porque sou feliz!

Entrevistador - Como dividem as tarefas domésticas, ... se dividem?

M - Ah! divido muito bem, olha é assim, agora, é assim, quando eu não estou em casa, é ele que trata do meninos e do jantar. Quando eu estou em casa eu trato do jantar depois ele lava a louça...

Entrevistador - Mas há uma divisão de tarefas?

M - Não, não, é assim, se é preciso ir ajudar ele vem, se é preciso eu ir ajudar ele vai...

Entrevistador - Ajudam -se mutuamente...quando é necessário.

M - É...ajudamo-nos mutuamente.

Entrevistador - Já me disseste que tens irmãos, como é o teu relacionamento com eles?

M - ...É assim, um deles está longe de mim, poucas vezes estou com ele, é um relacionamento normal. Olha, falamos, estamos quando estamos. O outro está lá mais à beira, vive mesmo ao lado, estou mais tempo com ele, vejo-o todos os dias também falo, é aquele relacionamento normal.

Entrevistador - Quando vão sair, com quem saem e quais os destinos escolhidos, quando vais sair com o teu marido?

M - Normalmente, é assim, aa é com os meus filhos com o meu marido. Aaa os destinos normalmente são aqui a nível de Portugal, de zonas de Portugal e ...

Entrevistador - E ao fim -de-semana?

M - Ao fim -de-semana, não saio muito. Vou tomar café, os miúdos têm atividades, têm escuteiros, têm catequese, pronto. Eee normalmente é ir tomar café e depois passo o fim -de-semana em casa. Depois há um fim -de-semana ou outro que saio ou que vou para uma parte ou outra dos pais, pronto. Vamos passar o fim -de-semana fora, não tenho aquele hábito de dizer, olha hoje é fim -de-semana vou aqui ou vou acolá. Não, normalmente vou até á ria de Aveiro tomar café de manhã porque não gosto muito da confusão, venho para casa, pronto, ao sábado, também é ir tomar o cafezito e vir para casa. Depois quando saio assim um fim -de-semana, para uma parte ou outra do país para conhecer e para descansar e vamos os quatro.

Entrevistador - E nas férias?

M - Nas férias, ou vou lá para baixo para o Algarve. Ou vou para Espanha. Num é assim...é dentro disso.

Entrevistador - Já sei que tens filhos, foram planeados?

M - Foram.

Entrevistador - E a gravidez correu bem?

M - Correu e não correu, pronto o primeiro já nasceu com 36 semanas, já foi assim um bocadito atribulado. Aaa o segundo ainda mais atribulado foi, que tive mesmo de repouso de cama e num ...numa das vezes que me levantei para ir á médica, ele nasceu no consultório.

Entrevistador - A sério? Que giro! Ahahah

Entrevistador - Tinhas preferência relativamente ao sexo do bebé?

M - Tinha, queria uma menina ahahah

Entrevistador - Isso para o segundo. E o primeiro?

M - Já no primeiro, mas saiu tudo meninoahaha, agora já não tenho mais, porque é assim, eu como passei, do primeiro já era assim, já foi um bocado, na gera do primeiro, mas no segundo como passei tão mal da gravidez, porqueee, pronto, é tão mau a gente querer se levantar e não poder, cheguei ao cumulo de ter que estar a almoçar e jantar praticamente na cama, no ultimo mês, e ainda assim nasceu com 35 semanas.

Entrevistador - É saturante...

M - Passei tão mal, que eu não quero nem mais um.

Entrevistador - Não queres voltar a repetir a experiência!

M - Nem nada.

Entrevistador - Quais são as brincadeiras preferidas deles?

M - Dos meus filhos? É jogar a bola.

Entrevistador - E tu gostas de brincar com eles?

M - Brinca mais o pai do que eu ahahah.

Entrevistador - Ia-te perguntar isso, como é que eles se relacionam com o pai?

M - Nas brincadeiras com o pai, ééé muito mais brincalhão do que eu, eeu como...é a tal coisa que te estava a dizer, eu como já chego tão saturada e depois gasto a paciência toda.

Entrevistador - Os teus filhos frequentam a escola. Gostam da escola?

M - Sim, gostam.

Entrevistador - Gostam? Na escola dos teus filhos, há crianças com NEE?

M - Há.

Entrevistador - E qual é o relacionamento deles com a diferença?

M - Bom.

Entrevistador - Tem o exemplo de casa.

M - Tem, tem porque euuu cheguei a traze-los várias vezes à sala onde estive, e, e já têm a experiência da prima.

Entrevistador - Os teus filhos frequentam atividades religiosas ou outras atividades? Frequentam os escuteiros, já me disseste.

M - Os escuteiros, a catequese...

Entrevistador - Respeitam o calendário religioso?

M - Também respeitamos...Eh, não...

Entrevistador -A tua família também é católica?

M - É católica, mas...é católica, vão á missa, mas não é aquele regime de não comer carne em tal dia...às vezes respeito, outras vezes esqueço-me ahah.

Entrevistador - Que programas televisivos te interessam mais?

M - Olha, neste momento é o telejornal, neste momento é o telejornal e depois acabo por estar a ver o AXN, porque o meu marido também vê, não é, e o canal Panda porque o meu filho...

Entrevistador - Vêm o quê no AXN, é as séries?

M - É as séries, e o meu marido...e também gosto de ver a National Geographic e o Canal Panda para o meu filho mais novo, pronto, tem que o ver. De manhã, logo de manhã eu quero ver as notícias e ele quer ver o Panda.

Entrevistador - E livros, lês?

M - É assim, neste momento é livros ligados aaaa à Educação Especial, porque não tenho tempo para mais nada e leio, e leis.

Entrevistador - O livro que te marcou mais até hoje?

M - O código Da Vinci.

Entrevistador - Pertences a alguma organização de caráter social, política ou religiosa?

M - Não. A associação de pais, ahah

Entrevistador - Preocupa-te a crise política, económica e social?

M - Muito, muito, muito, porque o meu ordenado está em jogo ahah, e o meu trabalho. Muito, a sério, porque acho que isto está mau.

Entrevistador - Que aspetos consideras mais positivos, na tua experiência pessoal?

M - Olha, o casamento, aaa...e em termos...considero muito positivo a amizade, apesar de às vezes saber que falho muito aaa mas preocupa-me, gosto de estabelecer eee de ter amizades, gosto de sentir que as outras pessoas, eu acho que toda a gente gosta, não é, sentir que as outras pessoas gostam de estar comigo aaa que gostam da minha amizade, gosto de sentir que estou a ajudar o outro.

Entrevistador - E menos positivos? Ou seja, que de alguma forma te trouxeram assim alguma mágoa.

M - Eu acho que é às vezes, aaa sei lá, ...sei lá, às vezes dar importância a coisitas que não devia de dar, mas que depois fico assim um bocado...e dou importância. Mas não sei se será, se será mágoa. Não sei, acho que assim, magoa, magoa...

Entrevistador - Achas que este conjunto de experiências, tanto na vida pessoal como profissional, foi válido?

M - Acho que sim, que nós aprendemos com os erros e com os sucessos, não é só com os sucessos. Eu acho que os erros é que nos levam a aprender porque depois mandamos um bocado - passo a expressão - com a cabeça e aprendemos, para a próxima já...mas tem que se mandar primeiro com a cabeça. Olha, cometi aquele erro, aaa vou pensar duas vezes para ver se não faço outra vez a mesma asneira. Às vezes até fazemos, porque a cabeçada que mandamos não foi suficiente, ahaha, mas pronto.

Entrevistador - Tens outras questões que gostasses de acrescentar?

M - Não, ainda queres mais? ahahahaha

Entrevistador - Se tivesses que fazer um retrato de ti mesma o que é que dizias?

M - Euuu? Às vezes também me ponho a pensar como é que sou, mas eu até às vezes nem vejo virtudes, vejo defeitosahaha, ser um bocado mesquinha, de estar a cismar em certas coisas porque fico muito sensível, é assim, é um dos defeitos que eu tenho, é assim, não aceitar muito bem a critica, que é um defeito, porque as críticas devem ser aceites, tenho que reconhecer que fico revoltada, fico chateada.

Entrevistador - Mas também tens virtudes, ou não?

M - Sei lá, isso é que vocês sabem, sei lá as virtudes que eu tenho! Olha éé as virtudes...devo ter algumas,ahaha, não sei,ahah, acho que tenho.

Entrevistador - O que é que te caracteriza como pessoa?

M - Sei lá...olha...aaa

Entrevistador - Que é que te caracteriza, que valores?

M - Também um dos defeitos, é ser muito faladora,ahaha, mais...aaa não saber às vezes estar calada na hora certa e no momento certo,aaa levar tudo à frente como vós dizeis, não é, querer fazer tudo...às vezes quero fazer tudo ao mesmo tempo, e não dá. Acho que...que uma virtude...e ser excessivamente preocupada em querer ter as coisas todas, meter-me nas coisa e depois querer...fazer as coisa todas da forma mais correta e às vezes...aa é um defeito também, não é? Ó pá, virtudes, sei lá, não sei, sei lá... vós é que sabeis as minhas virtudes, sei lá, ahahah

Entrevistador - Ahah, O que dizem os teus olhos?

M - Os meus olhos? Nunca ninguém me disse nada dos meus olhos! Só o meu marido é que diz que eu que sou bonita ahahahaha e os meus filhos, também me dizem.

Entrevistador - Olha, então...

M - É assim, acho que ao tentar ser amiga, acho que também já é uma virtude que eu tenho, pelo menos tento, se não sou, pelo menos tento. Se às vezes não sou, se...se erro na tentativa de não ser, olha, paciência, não sei, também nos ultrapassa os erros.

Entrevistador - Olha, M muito obrigada, pela tua entrevista.

M - Diz,...de nada.

Entrevistador - Obrigada. E até qualquer dia.

Duração: 60:26

ENTREVISTA Nº 3

Entrevista à professora J

Data: 20/07/2011

Hora: 17:00

Local: EB2,3 Dr. Ferreira da Silva (Sala dos Diretores de Turma)

Entrevistador - Estou a realizar esta entrevista no âmbito do meu trabalho de mestrado em Ciências da Educação subordinado ao tema Identidade Profissional dos Professores de Educação Especial ao nível dos processos de construção dessa mesma identidade.

Entrevistador - Então gostaria que me começasses por falar de alguns dados relativos à tua identificação pessoal, por exemplo data de nascimento, local de nascimento, religião, estado civil, por ai. Faz-me assim um apanhado.

J - Está bem, então vá. Chamo-me J, nasci em 17/10/78 em Castelo Branco, sou casada e tenho um filho de cinco anos.

Entrevistador - E profissão?

J - Professora de Educação Especial.

Entrevistador - Relativamente à tua formação qual é o teu curso de base?

J - Português/Francês ensino de, via ensino.

Entrevistador - E onde é que tiraste o curso?

J - Na Universidade de Aveiro.

Entrevistador - O pensas a respeito da tua formação inicial e dos conteúdos nela lecionados?

J - Acho que os conteúdos foram adequados mas mesmo assim precisavamos de mais aulas práticas.

Entrevistador - Achas que o estágio foi uma mais-valia para a tua iniciação como professora?

J - Sem dúvida que o estágio me ajudou muito porque se não fosse assim eu não ia minimamente preparada para enfrentar a realidade. Mesmo assim eu acho que o que nos ensinam e o que nós fazemos no estágio é tão diferente do que depois nos aparece no mundo do trabalho!

Entrevistador - E porquê essa escolha e mais tarde o Ensino Especial?

J - Aaaa, Português e Francês porque gosto muito de língua portuguesa, muito mesmo, de lecionar a língua portuguesa e o Francês porque está ligado ao Português.

Entrevistador - Mas na altura da escolha, foi no 12º que escolheste?

J - Não, não. Já antes desde pequenina, sim, queria ser professora, desde pequenina, depois e foi sempre no âmbito do português, depois o Francês veio por acréscimo,

porque tina a ver com a Língua Portuguesa, porque em muita coisa é semelhante, pronto foi por aí. A Educação Especial foi por uma questão ahh, em primeiro lugar, primeiramente, foi por uma questão de oportunidades de trabalho, foi mesmo só por isso que eu mudei, não é, de área, porque senão...

Entrevistador - Mas alguém te influenciou nesse sentido?

J - Não, fui eu sozinha.

Entrevistador - Em que momento da tua vida fizeste essa opção?

J - Ahh, no momento em que trabalhei meio ano em Santo Tirso e vi que se não fizesse qualquer coisa mais me arriscava a a deixar de lecionar, como aconteceu a muitas das minhas colegas, nunca mais tiveram trabalho.

Entrevistador - Fala-me do teu percurso profissional? Começaste em que escola?

J - Comecei, comecei em...

Entrevistador - Em que ano começaste?

J - Comecei em Condeixa, não, comecei em Santo Tirso logo após ahhh, logo após o estágio foi ahh, fiquei então colocada esse meio ano e depois tirei a especialização porque a seguir a esse meio ano fiquei um ano inteirinho sem trabalhar em casa. Pronto, depois, isso foi em 2002, no ano lectivo 2001/2002, depois fiquei um ano letivo inteiro em casa, depois pronto comecei a concorrer com com a frequência da especialização, ainda não tinha o curso, mas só pelo facto de mencionar nas ofertas de escola que tinha a frequência na especialização comecei a conseguir e nunca mais... Não tenho muito tempo de serviço porque fiz algumas substituições, tenho 8 anos de serviço mais ou menos, mas pronto, a partir daí nunca mais deixei de trabalhar, tive sempre trabalho.

Entrevistador - E que tipo de vínculo tens atualmente?

J - Pois, sou contratada e serei. (Gargalhada)

Entrevistador - E és feliz na profissão?

J - Já fui mais porque agora acho que perdemos demasiado tempo com os papéis e não aquele que deveríamos com os miúdos.

Entrevistador - Umum

J - E o importante são eles.

Entrevistador - Mas gostas de estar no Ensino Especial?

J - Sim. Não gosto é da burocracia.

Entrevistador - Consideras que a escolha pela Educação Especial foi uma mais-valia para a tua formação pessoal e profissional?

J - Foi completamente acho que sim e tenciono fazer formação nesta área quando achar que, ou melhor, quando me derem tempo para isso porque agora embrulhada em tanto papel não tenho tempo nem disponibilidade ahh em termos de não é de cabeça e tudo, não tenho não me sinto com vontade para. Mas tenciono fazer formação.

Entrevistador - No currículo do teu curso de base foram abordados conteúdos da Educação Especial?

J - Não.

Entrevistador - Ao concluíres o curso que te conferiu a especialização em Educação Especial sentiste-te apta para começares a lecionar nesse nível de ensino?

J - Tive alguma preparação. Não a suficiente para lecionar a estas crianças, mas alguma que me consciencializou para o trabalho que me esperava.

Entrevistador - Havia lacunas no currículo do teu Curso de Especialização?

J - Os professores “debitam” muita teoria. Deviam colocar-nos no terreno quer com os casos mais difíceis quer com os mais fáceis. Em termos de trabalhos escritos, devíamos trabalhar os inúmeros documentos que temos que elaborar nas Escolas, nesta área.

Entrevistador - Já alguma vez foste formadora?

J - Não.

Entrevistador - Achas que as Políticas Educativas favorecem a formação?

J - Não.

Entrevistador - Frequentaste ações de formação durante o teu percurso profissional?

J - Sim.

Entrevistador - Em que áreas foram realizadas essas ações e o porquê de as frequentares?

J - As ações foram realizadas sobretudo na área da Educação Especial. Frequentei e frequentarei ações sobretudo nesta área, se me for possível. É uma área que me cativa e na qual sinto que há imenso para aprender. E quanto mais aprender, mais poderei ajudar estas crianças.

Entrevistador - Consideras a formação contínua importante?

J - Muito.

Entrevistador - Porquê?

J - Porque temos, sem dúvida, muito a aprender. Não só com os casos que já conhecemos, mas sobretudo com os que desconhecemos.

Entrevistador - Que formação realizaste no âmbito da Educação Especial?

J - Frequentei ações de formação ligadas à dislexia, deficiência mental/motora, cegueira, surdez e no âmbito das TIC.

Entrevistador - De que forma essa formação tem contribuído para te ajudar a desempenhar a tua atividade docente?

J - Tem-me ajudado a conhecer o meu público-alvo e a melhor trabalhar com ele. Apesar de ter contribuído já positivamente para o meu trabalho sinto que os formadores

se prendem demasiado com teorias. Elas são necessárias, mas em estreita relação com a prática. Na minha formação em Educação Especial tive uma professora com quem aprendi imenso. As suas aulas eram dadas com base na sua experiência enquanto profissional da Educação Especial. Nalgumas horas aprendi mais com essa professora do que em muitos dias com outros. Não usava acetatos, videoprojectores, quadros interativos, computadores ou outras tecnologias. Por meio do diálogo connosco e contacto direto com crianças NEE transmitiu-me conhecimentos base, significativos para o início da minha atividade enquanto docente desta área.

Entrevistador - O que representa a tua formação académica e profissional na tua atividade de professora, nomeadamente do Ensino Especial?

J - Na Educação Especial, sinto que aprendo sobretudo no dia-a-dia com estas crianças, com os meus colegas de grupo e outros docentes, bem como com os demais profissionais que as acompanham. É no trabalho com eles que as dúvidas surgem e se esclarecem. Claro que a formação também vai tendo um papel importante.

Entrevistador - Que características consideras essenciais para se exercer a profissão de professor do Ensino Especial?

J - Humano, ah, calmo, paciente, despreocupado com os resultados da avaliação e mais preocupados com os resultados da avaliação dos miúdos, despreocupado com a avaliação do próprio professor, porque agora andam todos preocupados com a avaliação e pronto centrado nos resultados dos miúdos por menores que sejam, por mais pequenos que sejam os sucessos deles, centrar-se nos sucessos deles. Ahh e profissional nee.

Entrevistador - Achas que houve uma mudança significativa na criação de um quadro específico para a Educação Especial?

J - Ummmm

Entrevistador - Antigamente qualquer professor podia ser destacado ou colocado na Educação Especial e agora normalmente quem fica na Educação Especial é porque tem uma pós graduação ou uma especialização. Existe um quadro específico, um grupo para a Educação Especial.

J - Mais ou menos. Até porque eu acho que há professores que não têm formação na Educação Especial e são ótimos professores de Educação Especial. Eu acho que não houve, acho que não. Acho que as pessoas continuam a conseguir, mesmo não tendo formação na Educação Especial continuam a conseguir ir para a Educação Especial e porque querem ficar mais perto de casa e e às vezes há pessoas que aaaa que querem ficar mais perto de casa e que não estão preocupadas com os miúdos e conseguem aceder à Educação Especial e há outras pessoas que embora não tenham formação na Educação Especial vão para a Educação Especial porque têm vocação e até se revelam excelentes profissionais, mas acho que o facto de criar um quadro num provocou uma mudança significativa. Acho que continua...

Entrevistador - Não achas que há uma identidade mais específica da Educação Especial com a criação desse quadro?

J - Talvez, não sei. Não sinto muito isso. Eu sinto, principalmente este ano, sinto que as pessoas com quem trabalho e com quem trabalhei sinto que nesta escola as pessoas são muito organizadas, as pessoas sabem daquilo que falam, considero que sou muito bem orientada e considero que quem está na Educação Especial que está porque gosta daquilo que faz e percebe aquilo que está a fazer mas noutros anos se calhar não senti isso tanto assim por isso não sei.

Entrevistador - O Ensino Especial está a corresponder às tuas expetativas?

J - Lá está, por um lado sim, porque eu gosto de trabalhar com os miúdos e cada vez mais os miúdos da Educação Especial são miúdos que realmente que merecem e carecem da nossa atenção, miúdos com problemas, agora já não damos apoio a alunos meramente que têm dificuldades de aprendizagem mesmo pronto mesmo deficiências severas não é ahh mas faz outra vez a pergunta.

Entrevistador - Mas está a corresponder às tuas expetativas?

J - Mas por outro lado, perdi-me um bocado naquilo que estava a dizer, por outro lado eu acho que a questão da burocracia está a piorar cada vez mais, ou seja, há cada vez mais, ou seja nesse aspeto nunca pensei que chegasse a este ponto, cada vez mais papéis para preencher.

Entrevistador - É nesse aspeto que não corresponde às tuas expetativas?

J - É, é e depois também sinto que não somos suficientemente valorizados.

Entrevistador - Mas por quem, pelos colegas?

J - Sim.

Entrevistador - Ou pela direção?

J - Não, não, pelos colegas principalmente porque ainda há quem ache que...

Entrevistador - Mas dentro do grupo ou fora do grupo?

J - Não, não, de uma maneira geral ao nível da escola, porque ainda há quem ache que os professores de Educação Especial estão na escola para entreter os meninos.

Entrevistador - Se pudesses optar entre o teu curso de base e a Educação Especial continuarias na Educação Especial?

J - Continuava.

Entrevistador - Estabeleceste relações de confiança no grupo onde estás inserida?

J - Sim, sim.

Entrevistador - E relações de amizade no local de trabalho?

J - Sim, também. Poucas mas boas.

Entrevistador - Sentes-te respeitada na escola onde lecionas?

J - Sim. Isso sim.

Entrevistador - Em que situação é que se estabeleceram essas relações de amizade?

J - Em contexto de trabalho, porque nos ajudamos muito uns aos outros e...

Entrevistador - Mas essas relações mantêm-se fora da escola?

J - Algumas sim.

Entrevistador - Partilhas com os colegas experiências profissionais?

J - Sim. Algumas vão para fora da escola.

Entrevistador - Há uma partilha dentro do grupo ou com os colegas de outros níveis de ensino?

J - Sempre que se proporciona.

Entrevistador - E que valores caracterizam os colegas com quem te relacionas mais?

J - Humanos, frontais, solidários, lá está, porque partilham não é, partilham conhecimentos materiais, ajudam sempre que é possível, por aí.

Entrevistador - Que conversas manténs durante o intervalo na sala dos professores, por exemplo?

J - Eu vou muito pouco à sala dos professores no intervalo.

Entrevistador - Quando tens intervalo costumavas fazer o quê?

J - Fico com os miúdos dentro da sala muitas vezes.

Entrevistador - Mas porquê? Por alguma razão especial, porque não queres estar com os colegas?

J - Não, porque às vezes até saio da sala, mas saio com os miúdos porque eles muitas vezes precisam de mim, às vezes acontece alguma coisa não é, um miúdo se suja ou faz uma birra. Já não saio da sala, ou lancha dentro da sala porque está a chover e eu não os deixo fico com eles.

Entrevistador - Mas poderiam ficar com a tarefaira, porque é que permaneces lá e não vais ao intervalo?

J - Muitas vezes também fico porque o horário da tarefaira de almoço coincide com alguns intervalos e eu fico com eles.

Entrevistador - Mas quando há um momento de convívio entre os colegas ou de conversa, normalmente que temas é que são abordados?

J - Com os colegas do grupo falo mais depressa doutras coisas sem ser de trabalho agora com os colegas na sala dos professores sempre que falo com eles normalmente é por questões de trabalho.

Entrevistador - E com os alunos, que género de relação estabeleces?

J - Ah, boa, muito boa.

Entrevistador - Mas, uma relação de empatia? O que é que tu achas que eles pensam de ti como professora?

J - Eles têm momentos uh (riso), eu gosto muito de brincar com eles nessas alturas se calhar gostam mais de mim do que quando me chateio porque temos momentos para tudo né, para brincar e para trabalhar. Depois a alguns que custa perceber isso (riso), mas acho que sim que eles gostam de mim, até porque me falam muitas vezes de questões pessoais e por ai acho que eles confiam em mim, gostam de mim acho que sim.

Entrevistador - Existe algum tipo de deficiência que te perturbe mais emocionalmente, trabalhar com crianças com esse tipo de deficiência?

J - Não, não há sim, não estou a ver, não estou a ver à partida nenhum tipo de deficiência que me custe. Eu acho que nós temos que estar preparados para tudo sinceramente que estas crianças precisam de nós e

Entrevistador - Achas que a vida pessoal interfere na vida profissional e vice-versa?

J - A vida pessoal não interfere na profissional, nunca interferiu, agora a profissional interfere na pessoal, muitas vezes, até pelos horários que temos. (bateram à porta) Reuniões fora da hora, que nos obrigam a chegar muito tarde a casa, com os filhos muitas vezes já deitados, filho e marido. Aaa muitas vezes saio de casa e não vejo o meu filho, saio e chego a casa não vejo o meu filho por causa do trabalho amm...

Entrevistador - Pois interfere né

J - Claro interfere sempre. Por exemplo agora já está de férias há algum tempo não tem a professora dele com ele mas ee eu não posso estar com ele porque estou aqui.

Entrevistador - Pois.

J - E vou entrar de férias e tenho que voltar aqui à escola muito provavelmente, mas pronto e depois levamos muito trabalho para casa, quando chegamos a casa e devíamos desempenhar o nosso papel de mães, de mãe e de mulher aaaaaa e de amiga e não de professora mas não a vida profissional...

Entrevistador - Continua em casa.

J - Continua, não temos hipótese.

Entrevistador - Agora queria que me falasses sobre a tua infância. Andaste no J.I.? Entraste com quantos anos? Não andaste?

J - Não, não frequentei o J.I. Estava muito apegada à minha mãe ela ainda tentou mas não conseguiu que eu fosse aaaaa.

Entrevistador – Então, foi passada com a tua mãe?

J - Foi.

Entrevistador - E com mais alguém?

J - Com os meus vizinhos, da mesma idade que eu. Eu tive sempre crianças da minha idade com quem brincava.

Entrevistador - E o teu irmão? Tens um irmão?

J - Sim, também brincava muito com ele, sim.

Entrevistador - É mais novo ou mais velho?

J - Mais velho mais dois anos só.

Entrevistador - E depois quando é que entraste para a escola?

J - Depois entrei para a escola com cinco anos ahhh.

Entrevistador - E nesse período qual era a tua relação com a escola?

J - Foi sempre boa.

Entrevistador - Gostavas de ir para a escola?

J - Ah gostava. Sempre gostei.

Entrevistador - E a professora? Gostavas dela? Tinhas um bom relacionamento com ela e com os colegas?

J - A minha professora do 1º e 2º ano não foi muito, não foi uma boa professora, porque, quer dizer não foi uma boa professora porque era um bocadinho severa. Ahhhhh, na altura ainda usava as réguas para bater nas mãos. Portanto quando tínhamos, quando cometíamos algum erro, bastava que lêssemos mal já levávamos reguadas, se tínhamos contas mas levávamos reguadas, não tenho assim muito boa

impressão dela porque ela continuou severa, mas era uma boa professora. Depois a explicar e assim era uma boa professora. Sempre gostei muito da escola.

Entrevistador - E dos colegas, relacionavas-te bem com os colegas?

J - Mais ou menos aaa mais ou menos porque aaa até aí principalmente até ao 8º ano, principalmente no ciclo, no 1º ciclo correu tudo bem, no segundo ciclo aaaa pelo facto de ser boa aluna aaa não era muito bem aceite se calhar pelos meninos mais terroristas da turma depois pronto às vezes a coisa não corria lá muito bem. Depois queriam copiar e eu era assim um bocadinho, não deixava...

Entrevistador - Eras muito certinha.

J - Ai muito e se calhar por ai, por ai não tive muito boa relação com alguns dos meus colegas mas depois a partir do 9º ano em diante correu sempre tudo bem.

Entrevistador - Alguma vez te relacionaste na escola ou no seio familiar com crianças com N.E.E?

J - Sim, tenho na minha família pessoas deficientes, primos em 3º grau aaaa alguns, tenho uns três ou quatro. Sempre que vou a Castelo Branco vejo-os.

Entrevistador - Mas que problemas é que têm?

J - Deficiência mental todos, uns mais severa do que outros.

Entrevistador - E relacionavas-te com eles?

J - Sim sempre.

Entrevistador - Desde pequenina?

J - Sim, sim, nunca tive problemas. Sempre.

Entrevistador - E na escola não tiveste ninguém?

J - Não, não me lembro de ninguém com deficiência na minha escola. No 1º ciclo não tive, no colégio onde estudei não havia se bem me lembro não havia educação especial sequer acho, tenho quase a certeza que nem havia Educação Especial.

Entrevistador - Qual foi o Colégio?

J - Colégio Santa Maria de Lamas. Agora sei que há. Agora sei que há lá educação especial mas na altura em que eu estudava não tive essa sensação.

Entrevistador - Agora caracteriza-me a tua família. Fala-me um bocadinho da tua família. Como é que é?

J - A minha família ah. A minha família para mim é o meu pai a minha mãe e o meu irmão. Tinha os pais da minha mãe, os meus avós maternos eram duas pessoas com quem eu me relacionava muito bem mas faleceram muito cedo. Depois os meus avós paternos eram muito mauzinhos (riso) e eu não gosto lá muito de de de os aturar que é mesmo assim. Pronto a minha família é o meu pai a minha mãe e o meu irmão...

Entrevistador - Trabalhavam os dois, a tua mãe e o teu pai?

J - Sim sempre. Sempre não, a minha mãe começou a trabalhar um bocadinho mais tarde, mas sim trabalhavam os dois...

Entrevistador - Em que área é que trabalhavam?

J - O meu pai trabalhava na GNR, a minha mãe trabalhava num Jardim de Infância. O meu irmão foi sempre o meu apoio o meu mais que tudo. Continua a ser. Sempre me dei muito bem com a minha família. Com os meus pais, com o meu irmão. Agora mesmo estando longe continuamos a dar-nos muito bem.

Entrevistador - E qual é o elemento da tua família com quem tu sentes mais afinidade?

J - A minha mãe.

Entrevistador - Ai é?

J - É (risos).

Entrevistador - É com quem tu desabafas?

J - É. A nossa mãe é a nossa mãe (risos).

Entrevistador - E está tudo dito.

J - Não precisamos de falar para sermos compreendidos. Não vale a pena (risos).

Entrevistador - Notaste alguma diferença pelo facto de seres mulher na tua educação?

J - Ah sim, sim, o meu pai era pronto um bocadinho machista não é e pelo facto de ser mulher não saia aaa da mesma forma que o meu irmão, tinha horas marcadas aaaaa foi mais com as saídas com os amigos talvez. O meu pai era muito cuidadoso.

Entrevistador - E em casa quem é que fazia as tarefas domésticas de ajudar a mãe?

J - Ai era o meu irmão e a minha mãe, o meu pai tinha uma vida muito atribulada por causa da profissão mas às vezes também ajudava. Fazia determinadas coisas, aliás o meu pai é um excelente cozinheiro melhor do que a minha mãe mas era eu e o meu irmão que fazíamos a limpeza da casa, eu fazia uma parte e ele fazia a outra. Não por ai não, era mais pelas saídas o meu pai era muito cuidadoso, controlava muito com quem eu saia, por onde eu ia, se fosse preciso ia atrás de mim, nunca o vi, mas acho que sim, algumas vezes foi, era assim muito, pronto...

Entrevistador - Muito controlador.

J - Era um bocadinho mas depois fui para a universidade e ele perdeu o controlo todo (risos).

Entrevistador - E nos teus relacionamentos tens preferência pelo género masculino ou feminino?

J - Aaaa, eu relaciono-me melhor com os homens do que com as mulheres, se bem que há exceções né, só que acho as mulheres muito mais complicadas, muito menos

práticas, muito mais mesquinhas e conflituosas por isso é que eu se tivesse de dizer com quem gostava mais de me relacionar diria os homens mas também com as mulheres há exceções graças a deus e muitas, mas é preciso sorte (risos).

Entrevistador - Praticas algum tipo de atividade desportiva ou de carácter social?

J - Devia mas não pratico (risos). Já pratiquei mas agora não.

Entrevistador - Na infância e adolescência estabeleceste relações de amizade que se prolongam até aos dias de hoje?

J - Sim, sim muito poucas mas sim.

Entrevistador - Ainda consegues manter aquelas amizades?

J - Consigo, consigo.

Entrevistador - Que qualidades valorizas nas pessoas que consideras essenciais para serem tuas amigas?

J - Frontais, humanas aaaa, sinceras, aaa, sinceras acima de tudo e humanas e simples.

Entrevistador - Sentiste que a adolescência foi um período difícil na tua vida?

J - Não, não eu gostava de voltar atrás (risos). Eu quando era adolescente não queria crescer, lembro-me disso, por isso só podia estar bem porque eu lembro-me que não queria crescer. Eu via o que é que pairava nas cabecinhas dos adultos e os tipos de preocupações que tinham e não queria crescer.

Entrevistador - Mas não te isolavas?

J - Ah não!

Entrevistador - Não mandavas vir com tudo e com todos?

J - Era mais com a minha mãe. Lá está nós descarregamos em cima de quem mais gostamos. Era mais com ela porque pronto lá está nós atravessamos a fase da parvoíce e então lá houve uma determinada fase em que tudo que ela me mandava fazer eu achava

que era demais então lembro-me que resmungava muito com ela mas fora isso não. Eu contentava-me com o pouco, os meus pais davam-me aquilo que eu precisava mas não tinham assim possibilidades. Não tinham muitas possibilidades, só que eu contentava-me com o pouco, eu sabia até onde podia ir e contentava-me.

Entrevistador - Lembras-te de alguma situação que tenha marcado mais?

J - Até hoje?

Entrevistador - Sim

J - Se calhar a doença da minha mãe. O cancro da minha mãe. Fora disso não, nunca passei assim por nada assim muito muito marcante. Lá está estou a pensar pela negativa, só, não sei se é pela negativa ou pela positiva, mas pela negativa o que me marcou mais foi a doença da minha mãe.

Entrevistador - Um umm, agora vamos falar do casamento. Casaste, onde é que se conheceram?

J - Conhecemo-nos através da irmã dele que era minha colega de turma.

Entrevistador - Foi há muitos anos?

J - Foi a alguns, há treze, mas foi através dela e foi curioso porque foi no momento em que quer eu quer ele não estávamos a passar uma boa fase e foi o acaso mesmo, foi uma saída, foi uma ida ao cinema.

Entrevistador - E apaixonaram-se logo.

J - Não, não nada disso não foi logo. Foi com o tempo.

Entrevistador - E namoraram quanto tempo?

J - Três anos e vivemos juntos há dez.

Entrevistador - Mas depois casaram?

J - Sim.

Entrevistador - Como é que foi a festa da vossa união?

J - (Risos) Nós fizemos tudo ao contrário primeiro tivemos o filho e depois é que casamos. Casamos há pouco tempo, há um ano. Foi uma festa tal qual, foi um complemento.

Entrevistador - Quem é que tratou dos preparativos?

J - Os dois, mais ele mas os dois. Distribuámos tarefas a um e a outro e tratamos os dois.

Entrevistador - Gostas de ser casada?

J - Gosto.

Entrevistador - Porque é que gostas de ser casada?

J - Porque não gosto da solidão, acho que não ia gostar de estar sozinha sinceramente aaaa e depois aaa também não tinha se calhar, não conseguia viver com os meus pais até muito tarde tenho a certeza e depois acho que encontrei a minha companhia se calhar, vamos lá ver.

Entrevistador - Como é que dividem as tarefas domésticas?

J - Aaaa as tarefas domésticas não dividimos (risos) eu é que também em casa pronto o que eu faço é cozinhar, cozinhar e arrumar a roupa. Graças a Deus tenho quem me limpe a casa, quem me passe a ferro e essas coisas. Em relação ao cozinhar que eu podia dividir com ele, ele não cozinha mas leva-me a jantar fora quando ele não quer cozinhar não é acaba por fazer o papel dele, a parte dele. Ele é mais para se calhar mais depressa se envolve em trabalhos no jardim e assim do que dentro de casa. Dentro de casa ele é uma desgraça, mas pronto.

Entrevistador - Mas com o filho, cuidados com o filho, quem é que se ocupa mais dele?

J - Ai com o filho, somos os dois. É, isso é igual, isso é igual, ele é um pai impecável, aliás o meu filho diz, coitadinho ele não sabe, agora já estou a começar a convencê-lo do contrário, mas ele diz que prefere o pai (gargalhada) ainda, ainda não consegui.

Entrevistador - É bom sinal?

J - Claro, eu só fico contente com isso, mas é muito, quer dizer não sei se é raro, agora nos dias de hoje se calhar já não é mas pronto, é muito bom ouvir.

Entrevistador - Umm já me disseste que tinhas irmãos, como é que é o teu relacionamento com ele?

J - É ótimo, ótimo. O meu irmão é o homem ideal, eu é que não posso casar com ele (gargalhada) porque ele é meu irmão mas é ideal muito melhor do que eu muitas vezes muitas vezes, nunca conheci ninguém igual, não é por ser meu irmão mas nunca conheci, é espetacular mesmo, espetacular.

Entrevistador - E com a cunhada?

J - (Risos) Com a cunhada pronto é boa pessoa mas é uma pessoa um bocadinho egoísta a minha cunhada porque talvez ela tenha razões para isso porque já perdeu a mãe e ela é uma pessoa que olha um bocadinho para ela só, para ela e para a família dela. Não é muito tolerante em relação à família do meu irmão e não estou a falar em relação a mim, em relação a mim pronto não tenho problemas mas em relação aos meus pais pronto ela não é muito compreensiva, é uma pessoa um bocadinho egoísta olha um bocadinho para o próprio umbigo mas gosta do meu irmão e eu sei disso e isso é o principal. Eu sinto isso e isso é o principal.

Entrevistador - Quando vais sair com quem saís e quais os destinos escolhidos normalmente?

J - Normalmente quando saio, saio principalmente com o Pedro o meu marido e o meu filho aaa mesmo que saia com amigos saio com ele muitas vezes, são muitos poucas as vezes em que saio sozinha, aaaa normalmente estamos muito com a família ou a minha ou a dele, ou para visitar a minha ou para estar com a dele. Ele é uma pessoa muito e eu também muito apegado à família, caseira, apegada à família.

Entrevistador - E onde é que costumam ir, para onde são as saídas?

J - Em casa num espaço que eles têm mesmo para se juntarem. Normalmente é, às vezes vamos ao cinema com o meu filho não é, ou envolvemo-nos em atividades para crianças por causa do meu filho, mas pronto é por aí.

Entrevistador - Já me disseste que tens um filho. Foi planeado?

J - À sim.

Entrevistador - E como é que correu a gravidez?

J - Tudo muito bem.

Entrevistador - Tinhas preferência pelo sexo do bebé?

J - Não, o meu marido tinha queria um menino, depois eu passei o tempo todo preocupada como é que seria se nascesse uma menina até saber tanto que o convenci que era uma menina e depois, de propósito e depois quando soube que era menino pronto. Se fosse menina ele já estava convencido se fosse menino a alegria era a dobrar não é e ele ficou muito contente.

Entrevistador - E tu?

J - Também, também.

Entrevistador - Quais são as brincadeiras preferidas dele?

J - Ai meu deus, neste momento é a wii, são os jogos na televisão aaa, mas pronto brinca um bocadinho de tudo eu e o meu marido com ele, jogar futebol, jogar lé está

nessas com PSP's, lá com a Nintendo a wii é isso não é os jogos preferidos dele são esses mas ele também gosta muito de andar a jogar futebol connosco, andar de bicicleta, correr...

Entrevistador - Tu gostas de brincar com ele?

J - Sim, sim.

Entrevistador - A que é que tu brincas normalmente com ele?

J - Normalmente o meu filho gosta muito de papeis e quer ser professor mas eu não vou deixar mas gosta muito de papeis então normalmente estamos sempre a fazer qualquer coisa relacionada com isso. Com o meu marido é a wii vai jogar com ele a wii e eu é mais, mas é ele porque eu nunca tomo a iniciativa é sempre o meu filho, ou faço desenhos com ele ou jogos de letras de números ou faço números ou faço nomes com ele é assim por aí, anda sempre com os papeis atrás o meu filho.

Entrevistador - E o teu filho frequenta a escola?

J - À sim.

Entrevistador - E gosta?

J - Adora, sim.

Entrevistador - Na escola onde anda o teu filho tem crianças com N.E.E.?

J - Não, acho que não.

Entrevistador - Qual é o relacionamento dele com a diferença?

J - À é boa, eu às vezes trago-o aqui à escola e ele pergunta-me o que é que têm os meninos porque nota que há diferenças mas o meu filho é uma criança muito sociável e não os rejeita.

Entrevistador - O teu filho frequenta atividades religiosas ou outras atividades?

J - Para já não porque ainda tem cinco anos quando tiver seis é que irá para a catequese.

Entrevistador - Mas vocês costumam frequentar a igreja?

J - Não, não, isso não costumamos.

Entrevistador - Mas respeitam o calendário religioso?

J - Sim, sim isso sim e de vez em quando, vamos à igreja, só que não é uma coisa sistemática não. Não praticamos.

Entrevistador - Que programas televisivos te interessam mais?

J - Telejornal aaaaa eu vejo muito pouca televisão aaaa de vez em quando vejo um filme entre outro mas eu não gosto muito de estar presa em casa a ver televisão aaa vejo telejornais sobretudo é mesmo o resto se vir é por casualidade aliás até porque neste momento, aliás já há três anos estou num sitio onde só tenho mesmo os quatro canais e portanto estou muito limitada mas é mesmo os telejornais, relativamente aos quatro canais cada vez gosto menos de ver televisão.

Entrevistador - Porquê não há programas que te interessem?

J - Porque é tudo muito dramático até os telejornais são muito dramáticos. Os filmes são impróprios, a horas impróprias aaa se calhar os bons programas às vezes, há uns documentários que eu gosto muito de ver que dão a seguir a um telejornal que agora não sei qual é que tem a ver com casos da vida aaa tem a ver com sei lá, com uma doença qualquer ou com, ou com feitos importantes, coisas que se devam valorizar, há assim esses programas eu gosto de ver. Às vezes passa um desenho animado que eu acho próprio para o meu filho, mas a televisão vai de mal a pior na minha opinião e eu não gosto muito de ver televisão.

Entrevistador - E livros lêes?

J - Não tenho tempo. Leio os papeis da escola. É que não tenho, não temos mesmo tempo, não temos hipótese para mais.

Entrevistador - Mas que livro te marcou mais até hoje? Há assim algum livro que tenhas lido no passado e que te tenha marcado?

J - Aaaa eu li uma vez um livro, lembro-me que era sobre era “ Rapto em Teerão” que era sobre uma mulher muçulmana que foi para Teerão com o marido e depois ficou naquele país prisioneira do marido e prisioneira da religião tinha que andar com aquelas vestes que agora não sei o nome daquilo que só se viam os olhos, falava da cultura das pessoas, falava pronto da história de vida dela e esse livro marcou-me um bocadinho. Lembro-me desse livro mas não me lembro de mais nenhum em especial.

Entrevistador - Pertences a alguma organização ou associação de carácter social político ou religioso?

J - Não.

Entrevistador - Preocupa-te a crise política, económica e social que o nosso país está atravessar?

J - Pois claro que preocupa.

Entrevistador - De que forma?

J - Por causa do meu filho não é tenho que, temos que assegurar que eles tenham algum pé-de-meia, que tenham um futuro não é aaa porque se estivermos à espera que o país faça alguma coisa por eles podemos esperar sentados porque cada vez será pior.

Entrevistador - E relativamente à avaliação dos professores? Estamos agora a passar um período de avaliação, o que é que tens a dizer sobre isso? Concordas, achas que está bem feita que se poderia alterar alguma coisa?

J - Eu acho que é uma palhaçada porque põem colegas a avaliar colegas começa logo por aí. Acho que é uma injustiça aaa acho que é uma injustiça o que estão a fazer aos professores. Estão a virar os professores uns contra os outros e eu acho que com isso o

ensino perde qualidade porque as escolas deixam de ter harmonia e os professores deixam de estar preocupados com o que realmente interessa na minha opinião e começam a estar preocupados com o que vão pôr no papel não é.

Entrevistador - Que aspetos consideras mais positivos na tua experiência pessoal?

J - (Demorou algum tempo para responder) Determinadas pessoas que passaram na minha vida que se calhar me marcaram uma mais do que outras não é, determinadas pessoas com quem eu aprendi bastante e que pronto não me desiludiram, os miúdos esses sim marcam sempre não é e é sempre muito complicado porque somos contratados e temos que os deixar e pronto...

Entrevistador - Não há uma continuidade.

J - Não há uma continuidade e pronto é mau para nós e é mau para eles normalmente mas por ai se calhar.

Entrevistador - Terias outras questões a acrescentar às que já foram colocadas?

J - Não acho que não, foi tudo dito.

Entrevistador - Se tivesses que fazer um retrato de ti mesma o que é que dirias?

J - Olha diria que não aprendo (risos), normalmente em contexto de trabalho sou sempre muito, sou sempre demasiado sincera aaaa confio demasiado nos outros aaaa e não aprendo, muitas vezes, muitas vezes fico surpreendida pela positiva e as coisas correm bem mas há sempre aaa quando me desiludo com as pessoas desiludo-me sempre muito lá está porque confio demasiado nas pessoas porque...

Entrevistador - Tens expectativas muito elevadas em relação às pessoas.

J - Tenho, depois apercebo-me que sou mais uma pessoa, neste caso estou aqui, sou mais uma pessoa que passou por aqui para muita gente. Cada um preocupa-se consigo

próprio, muitas vezes se tiver que passar por cima dos outros passa e não há, não se estabelecem relações de amizade muitas vezes como eu gostaria e pronto é por aí.

Entrevistador - Ao nível das tuas qualidades pessoais?

J – Não sou conflituosa, eu aliás afasto-me dos conflitos sempre que posso e das confusões mas detesto estar metida em confusões, procuro simplificar as coisas aaa sou uma pessoa simples, procuro ser sincera se não sou é porque se calhar não sei como dizer ou com receio de magoar mas a minha intenção nunca é prejudicar aaa os outros é sempre de ajudar e de fazer em conjunto pronto acho que é isso. As minhas maiores qualidades são a simplicidade, a sinceridade é isso.

Entrevistador - Muito obrigada pela tua entrevista.

Duração: 60m e 40 s

ENTREVISTA Nº 4

Entrevista ao professor L

Data: 20/07/2011

Hora: 15:00

Local: EB2,3 Dr. Ferreira da Silva (Sala da Educação Especial)

Entrevistador - Estou a realizar esta entrevista no âmbito do meu trabalho de mestrado em Ciências da Educação subordinado ao tema Identidade Profissional dos Professores de Educação Especial ao nível dos processos de construção dessa mesma identidade.

Entrevistador - Então gostaria que me começasses a falar de alguns dados relativos à tua identificação pessoal, por exemplo data de nascimento, local de nascimento, religião, estado civil, por aí.

L - Sim senhora, então nasci em 1979, no dia dois de Maio na Freguesia de Fajões Oliveira de Azeméis e atualmente moro em S. João da Madeira.

Entrevistador - És casado?

L - Sou casado, tenho uma filha com nove meses e sou professor de Educação Especial, ora desde, ora foi nos Açores, Santo Tirso, aaaa três na Madeira há seis anos, seis não, sete, só estive um ano, só tive um ano digamos no ensino regular de resto foi sempre no ensino especial.

Entrevistador - Relativamente à tua formação qual é o teu curso de base?

L - Professor do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Entrevistador - E tiraste o curso aonde?

L - Na Guarda. Instituto Politécnico da Guarda. Acabei em 2002, estive um ano sem trabalhar e depois é que fui para os Açores.

Entrevistador - E porquê essa escolha? Porque é que decidiste ser professor do 1º Ciclo?

L - A escolha, olha foi quando acabou o Secundário fiz uma escolha muito realista tendo em conta a minha média foi o fator que me levou a decidir qual era o curso que eu devia seguir, acabei com uma média de 13 e depois andei a ver quais eram os cursos nos quais eu me podia candidatar tendo essa média, foi mais ou menos assim. Nunca pensei vir a ser professor mas também se aprende a gostar da profissão e pelo contrário só tenho motivos do facto de trabalhar com os meninos porque da parte burocrática isso são outras coisas.

Entrevistador - O pensas a respeito da tua formação inicial, dos conteúdos lecionados...?

L - Foi uma preparação para a prática, tivemos conteúdos teóricos e práticos e foi através desses conteúdos que nós ensinamos depois no estágio aos nossos alunos aquilo que aprendemos.

Entrevistador - Acha que o estágio foi uma mais valia para a tua iniciação como professor?

L - Sim, sem dúvida, foi muito importante porque me permitiu perceber como é que ia ser efetivamente a minha profissão e quais as dificuldades que iria encontrar. Claro que depois o 1º ano de trabalho é diferente, a gente sente aquela insegurança, aquele medo de falhar, mas com o tempo vamos conseguindo ultrapassar essas dificuldades.

Entrevistador - E mais tarde porquê que optaste pelo ensino especial?

L - Isso foi muito engraçado. Porque logo no 1º ano que eu fui trabalhar, fui trabalhar para os Açores pronto e chamaram-me e não me disseram...disseram-me que eu ia para uma escola de Angra do Heroísmo e eu pensei que fosse para uma turma do 1º Ciclo normal e eu cheguei lá e eles disseram: "Ah você vai trabalhar para o núcleo de Surdos". E eu, "está bem" eu vou trabalhar mas eu não percebo nada disso e eles disseram: "Ah, não se preocupe" e fui apoiar uma colega nossa. Eram duas professoras que estavam nessa sala e uma estava de licença de maternidade e a colega com a qual eu trabalhei apoiou-me muito, pá, fui aprendendo umas coisas, umas noções muito básicas mas depois ao fim e ao cabo já me conseguia desenrascar porque os miúdos estavam numa fase inicial da aprendizagem ao nível do 1º ano e foi fácil integrar-me e ir aprendendo para os ir ajudando e foi através dessa experiência que começou-me a criar o bichinho:" Ah e se fosse para a Educação Especial e num sei quê", como gostei muito

dessa experiência depois passado dois anos é que me inscrevi num curso de Educação Especial e entrei pronto. A partir daí comecei a trabalhar na Educação Especial.

Entrevistador - Então como é que foi o teu percurso profissional?

L - Então foi, um ano nos Açores em 2003 em Angra do Heroísmo na Educação Especial. Depois no ano seguinte vim para Santo Tirso, São Mamede de Negrelos também para os Apoios Educativos na parte de Educação Especial, numa altura que existiam, eram imensas ofertas de escola através do jornal, lembra-te Ana, todos os dias aquilo eram dezenas de anúncios foi nessa altura que fui para Santo Tirso estive em Roriz e São Mamede de Negrelos é perto da escola da Vila das Aves, ali naquela zona, na escola da Ponte, pronto e no ano seguinte estive em Oliveira de Azeméis aqui ao lado, na Feira dos Onze que é uma escola mesmo no Centro da Cidade mas aí foi com uma turma. Foi o único ano que tive numa turma do 2º ano, depois estive três anos na Madeira, na Ribeira Brava e agora estou há dois anos no Agrupamento de Cucujães e gostava de continuar cá mas pronto isto...

Entrevistador - Mas vai-se ver não é?

L - É, vai-se ver.

Entrevistador - Que tipo de vínculo tens atualmente?

L - Vínculo ao trabalho? É levantar-me todos os dias (risos) e a partir de um de Setembro se uma pessoa tiver trabalho o vínculo é esse.

Entrevistador - Mas és professor contratado.

L - Exatamente.

Entrevistador - E és feliz na tua profissão?

L - Ahhh sou feliz mas tendo em conta o enquadramento burocrático que nos rodeia acho que os processos poderiam ser muito mais simplificados, devia de haver como há

pouco estávamos a dizer ao nível de, se o sistema realmente precisa de nós havia de haver mais estabilidade ao nível do trabalho, continuarmos a trabalhar no mesmo sítio, andarmos sempre a saltar de um lado para o outro mas pronto é sim desde que tenha trabalho...acho que devia de haver um pouco mais de cuidado nesse sentido.

Entrevistador - Consideras que a escolha pela Educação Especial foi uma mais-valia para a tua formação pessoal e profissional?

L - Sim, mesmo a forma como vejo e encaro a deficiência foi uma mais-valia para a minha formação pessoal e profissional. Foi importante e continua a ser importante.

Entrevistador - No currículo do teu curso de base foram abordados conteúdos da Educação Especial?

L - Sim.

Entrevistador - Que conteúdos?

L - Sei que fizemos uma abordagem genérica às NEE.

Entrevistador - Achas que foram adequados?

L - Acho que sim, tendo em conta que foi a primeira abordagem das NEE em contextos pedagógicos.

Entrevistador - Ao concluíres o curso que te conferiu a especialização em Educação Especial sentiste-te apto para começar a lecionar nesse nível de ensino?

L - A especialização dá-nos ferramentas e orientações para a nossa prática como docentes de educação especial, mas do meu ponto de vista, a aptidão é alcançada com o esforço e trabalho individual e com os pares.

Entrevistador - Havia lacunas no currículo do teu Curso de Especialização?

L - Sim algumas, considero que o meu curso de especialização devia centrar-se mais em abordagens práticas tais como exemplos, exploração de contextos pedagógicos no âmbito de diversas deficiências.

Entrevistador - Já alguma vez foste formador?

L - Não.

Entrevistador - Achas que as Políticas Educativas favorecem a formação?

L - Entendo que o desenvolvimento de políticas educativas deve fomentar uma formação contínua, que vá diretamente ao encontro das necessidades dos docentes e que assente em dois pilares para mim fundamentais: a objetividade e o carácter prático.

Entrevistador - Frequentaste ações de formação durante o teu percurso profissional?

L - Sim.

Entrevistador - Em que áreas foram realizadas essas ações e o porquê de as frequentares?

L - Realizei formação em diversas áreas pois considero importante ter um currículo assente em aprendizagens multidisciplinares, na área da disciplina, na área musical (a viola em contextos de sala de aula) e na área das NEE. Frequentei estas ações por interesse pessoal e para enriquecer o meu currículo e consequentemente favorecer a minha intervenção pedagógica.

Entrevistador - Consideras a formação contínua importante?

L - Sim.

Entrevistador - Porquê?

L - No entanto, devíamos dar mais ênfase à criação de verdadeiros espaços de comunicação, troca de informações e dúvidas, entre todos os docentes de uma escola. Pois muitas vezes não conseguimos otimizar processos devido à escassez de tempo e

desenvolver práticas comuns transversais, nas quais todos os docentes estivessem envolvidos, impulsionadoras de uma verdadeira inclusão e do sucesso educativo dos alunos, e em especial daqueles com NEE.

Entrevistador - Que formação realizaste no âmbito da Educação Especial?

L - Realizei formação na área das TIC, na área da dislexia e sobre a CIF porque foram áreas nas quais senti algumas lacunas.

Entrevistador - De que forma essa formação tem contribuído para te ajudar a desempenhar a tua atividade docente?

L - Tem-me ajudado a compreender melhor algumas temáticas que não dominava.

Entrevistador - O que representa a tua formação académica e profissional na tua atividade de professor, nomeadamente do Ensino Especial?

L - Aaaa favorece a inovação e a consolidação da prática pedagógica.

Entrevistador - Que características consideras essenciais para se exercer a profissão de professor do ensino especial?

L - Do ensino especial e o ser professor não é. Eu pessoalmente nem gosto muito da nomenclatura educação especial, toda a educação deve ser especial se calhar uma educação diferenciada mas eu pessoalmente acho que a educação devia ser a educação. Disseste que ...

Entrevistador – Não achas que o professor de educação especial deve ter algumas características mais específicas, ter alguma sensibilidade...

L - Ter uma maior sensibilidade para estar com os miúdos, ter um espírito de maior abertura porque muitas vezes é preciso estarmos mentalizados para encararmos muitas realidades com as quais nos deparamos quando chegamos a uma sala de multideficiências ou...é preciso estarmos minimamente preparados para isso e é mais

esse fator e depois ao nível do nosso trabalho temos de saber jogar com muita coisa, com os nossos colegas do ensino regular, com técnicos...Somos uma espécie de multifunções que fazemos ali a ligação entre todos os colegas e isso por vezes não é fácil. Eu não tenho nada a durante o meu percurso acho que tenho conseguido fazer isso de uma forma positiva mas nem sempre é fácil, porque é lidar com muitos colegas, com muitas mentalidades e e até chegarmos ao ponto de caminharmos todos no mesmo sentido é difícil.

Entrevistador - Achas que houve uma mudança significativa na criação de um quadro específico para a Educação Especial?

L - Do meu ponto de vista acho que, pronto é importante mas acho que esse quadro ainda poderia ser mais alargado porque nós contratados verificamos que o sistema precisa de nós e se calhar poderiam dar-nos uma maior estabilidade a nível de colocação e de emprego mas mas pronto, isso hoje em dia tendo em conta a conjuntura socioeconómica na qual vivemos, pá, é como te digo se se tiver trabalho. Porque isto hoje em dia, um vínculo o que é que significa? Se formos a ver não significa nada porque isto basta uma escola fechar e diz olhe você não há trabalho para si, vá embora e mesmo no privado é a mesma coisa. Poderia haver outra forma de organizar aí.

Entrevistador - Mas agora há um quadro específico da Educação Especial, achas que foi uma mais-valia?

L - Sim, mesmo ao nível da organização dos sistemas é com aquele grupo de professores que se pode trabalhar, é melhor.

Entrevistador - O Ensino Especial está a corresponder às tuas expectativas?

L - A nível de trabalho sim, a nível de organização acho que poderíamos é o que falta, todos os professores, cada um nas suas escolas sentarmo-nos e pensarmos em coisas

realmente concretas que nos façam evoluir e por vezes simplificar os processos burocráticos e a nível da avaliação dos miúdos noto com a utilização da CIF e todos esses processos acho que há uma grande eeee não é uniforme o aspeto da avaliação porque se calhar aqui neste agrupamento faz-se de uma maneira, noutra agrupamento faz-se doutra e acho que nesse aspeto havia de haver uma uniformidade de trabalho.

(Interrupção com barulho de telemóvel do entrevistado)

Entrevistador - Ai é o teu, estava a ver se era aqui?

L - Não é o meu deixa-me desligar.

Entrevistador - Desliga.

Entrevistador - Se pudesses optar continuavas no Ensino Especial?

L - Ah continuava isso sem dúvida.

Entrevistador - Não irias para o teu grupo de base?

L - Não, também reconheço que se, não é o caso, que se quisesse ir para o meu grupo era muito mais complicado de arranjar trabalho.

Entrevistador - Estabeleceste relações de confiança no grupo onde estás inserido?

L - Sim, para além de colegas de profissão temos uma boa relação de amizade.

Entrevistador - Então estabeleceste relações de amizade no local do trabalho?

L - Acho que sim.

Entrevistador - Mas vão para além do local do trabalho ou ficam só por o trabalho? Ou são colegas de trabalho?

L - São colegas de trabalho mas se algum dos meus colegas de trabalho precisar de alguma coisa estou disponível pronto dentro da minha disponibilidade e da minha humildade o que eu poder fazer faço não me custa nada. (encolheu os ombros)

Entrevistador - Essas amizades no local de trabalho em que situações é que foram estabelecidas?

L - Essas relações foram crescendo à medida que nos fomos conhecendo e que fomos desenvolvendo o nosso trabalho não é depois vai-se criando ali uma afectividade, uma afinidade pessoal entre as pessoas que também é importante para que consigamos caminhar todos juntos não é.

Entrevistador - Partilhas com os colegas experiências profissionais?

L - Sim e dúvidas.

Entrevistador - E experiências de vida?

L - Também, eles se calhar até se queixam dos meus desabafos e das minhas coisas mas pronto. (risos)

Entrevistador - Que valores caracterizam os colegas com quem te relacionas mais?

L - A calma, a serenidade, a paciência, a colaboração, espírito colaborativo, a amizade, o respeito.

Entrevistador - Durante o intervalo, por exemplo, na sala dos professores que conversas mantêm?

L - De trabalho e também informais porque também é importante para se cimentar e para se desenvolverem relações. Para também não estarmos sempre na mesma coisa no 3 de 2008, na lei e nessas coisas, por amor de Deus.

Entrevistador - Mas normalmente é trabalho.

L - Sim, sim, sim, 70% de trabalho e os restantes 30....

Entrevistador - E com os alunos que género de relação estabeleces?

L - Acho que é uma relação bastante positiva mesmo alguns vêm ter comigo e falam do que aconteceu em casa disto, dúvidas daquilo, ou seja, nota-se que há ali, pelo menos

tento desenvolver uma relação positiva com eles e noto que há uma certa afetividade para comigo e eu também tento desenvolver sempre o meu trabalho nessa base porque se não se também não houver não houver assim uma relação baseada na afetividade não se conseguirão desenvolver competências ao nível do processo educativo.

Entrevistador - Existe algum tipo de deficiência que te perturbe mais emocionalmente?

L - Já tive síndromes muito profundas que os miúdos nem sequer falavam. Acho que era síndrome de “aricardia” ou uma coisa qualquer. Tudo que deixa os miúdos muito paralisados uma pessoa...Deficiências profundas choca um bocado, mas depois eles, basta-nos dar um sorriso a gente fica logo. Se calhar a olhar de um comum uma pessoa que não está habituada a lidar com a deficiência. Mas pronto, é como te digo o nosso trabalho vai-nos ensinando a ver essas situações com outros olhos.

Entrevistador - Achas que a vida pessoal interfere na vida profissional e vice-versa?

L - Acho mais a profissional interfere na pessoal (riso). É só mais que muitas vezes a minha mulher também é professora e também tem-se.... Uma pessoa chega a casa e fala dos nossos problemas e das nossas situações e é isso. Mas acho que é uma situação normal.

Entrevistador - E não leva os trabalhos para casa?

L - Ao nível da realização de trabalhos da escola em casa? Muitas vezes meu. Ontem foi dos poucos dias e a minha mulher estava lá e eu estava a ver televisão sem nada para fazer. E eu disse: “Eh pá já há muito tempo que não me sento aqui no sofá”, ou temos de ver os e-mails, ou temos de fazer um relatório e muitas vezes a gente se pensar para quê que este relatório serve? Se calhar não poderia ser mais simplificado, mais objetivo? Precisávamos de verdadeiros contributos para desenvolvermos o nosso trabalho de uma maneira muito mais eficaz e trocarmos haver momentos de troca, de

partilha de opiniões, de dúvidas, de tudo, porque nós fazemos imensas reuniões pá, temos que analisar este documento, temos de fazer isto, temos de fazer aquilo, há muitas solicitações mas situações que nos levem a melhorar o trabalho, momentos para a gente refletir verdadeiramente e encontrarmos caminhos que nos levem a algum sítio acho que havíamos de ter mais esse espaço.

Entrevistador - Gostaria que me falasses um bocadinho sobre a tua infância.

L - (Riso) Ai que engraçado tá bem. A minha infância?

L - Nasci em Fajões que é uma freguesia aqui próxima de Oliveira de Azeméis, nasci no meio rural, os meus avós eram agricultores a minha mãe também.

Entrevistador - Vivias com os teus avós?

L - Sim.

Entrevistador - Maternos?

L - Sim maternos. Sempre tivemos animais: vacas, porcos essas coisas todas. Eu quando era miúdo não gostava, mas agora acho que foi importante meu para o nosso crescimento. Valorizo muito isso e faz-me falta de vez em quando ter um espaço onde possa relaxar mas pronto. Vamos à infância, nasci lá, acho que frequentei o J.I. de ou não pré-primária acho que era pré-primária o jardim não, foi p'ra aí com cinco anos. Lembro-me que a minha mãe levou-nos para ai um ou dois meses à escola que ainda ficava para ai a 1 km nos primeiros tempos e depois levava o almoço e depois passados para ai dois ou três meses ia sozinho com os meus colegas a saltar a correr, o que não acontece infelizmente nos dias de hoje, não se pode fazer isso.

Entrevistador - Nesse período qual era a tua relação com a escola?

L - Eu nunca tinha tido, esse foi o primeiro contacto que tive com a realidade escolar.

Entrevistador - E gostavas?

L - Gostava da escola porque levava aquilo tudo, lembro-me assim uma vaga ideia, para mim era brincadeira, pura brincadeira, fazer asneiras.

Entrevistador - E tinhas irmãos?

L - Sou filho único. Tinha nessa altura, os miúdos com quem eu contactava era um primo mais novo do que eu um ano, morava também lá perto dos meus avós e era com quem eu contactava mas também tinha muitos amigos, vizinhos...Eu ia com a minha avó, naquele tempo a minha avó levava as vacas à ordenha, os miúdos iam todos. E a gente aproveitávamos esses momentos para brincar. Qualquer coisa servia para brincar, um pau, uma pedra, não é como hoje em dia que os miúdos é só playstations, é só mexer os polegares mas pronto. Adiante, primária? Morava em Feijões, e depois fui morar para a freguesia de Carregosa que era a freguesia do meu pai e fizemos lá uma casa. Foi lá que fui para a primária. Não conhecia lá ninguém, nessa altura tive que criar um grupo de amigos, porque os meus amigos eram da freguesia ao lado e fui-me adaptando e a adaptação foi fácil.

Entrevistador - Principalmente com os colegas.

L - Sim, sim, íamos sempre a pé desde a 1º à 4º Classe, a correr, a saltar, a atirar pedras. (riso) Aquelas vivências que tínhamos naquela altura e lembro-me que reprovei na 2º Classe. (risos) É verdade! Tenho assim uma vaga ideia que a professora usava o método global e eu tinha dificuldades, eu e outros colegas meus. Houve um grupo que passou para a 3º Classe e houve outro grupo que reprovou e lembro-me nessa altura com essa professora fazíamos muitas brincadeiras e depois não consegui acompanhar o ritmo e reprovei nesse ano. Depois veio uma professora com a qual ainda mantenho, sempre que a vejo cumprimento-a e valorizo muito, por acaso tenho uma boa imagem da professora primária e foi muito importante. Tínhamos umas vivências completamente

diferentes. Nós acabávamos a escola íamos brincar para o rio, nadar, íamos calcar campos de centeio. (risos) Aquelas brincadeiras, aquelas traquinices de miúdo da aldeia.

Entrevistador - E quando reprovaste o teu pai e a tua mãe?

L - Os meus pais ficaram chateados e eu também mas depois engrenei bem e nunca mais, fui um aluno normal, nem com muitas dificuldades nem um aluno extraordinário. Desempenho médio.

Entrevistador - E na tua escola havia crianças com N.E.E?

L - Agora que falaste lembro-me na primária haver um colega nosso, nessa altura nem se falava em educação especial, e lembro-me era filho lá de uns imigrantes que estavam na França, um miúdo da nossa idade que andava em cadeira de rodas mas gostávamos muito de brincar com ele, de andar com ele para trás e para a frente e eu gostava, ou seja, havia ali uma inclusão perfeita sem haver essa formalidade que existe hoje. Oh pá, fazíamos ali uma inclusão natural e acho que tudo funcionou. Lembro-me que ele esteve lá pouco tempo connosco porque depois foi para França e até nunca mais soube nada dele.

Entrevistador - Com qual dos elementos da tua família tu sentes mais afinidade?

L - Sinto mais afinidade com a minha mãe.

Entrevistador - Porquê?

L - Ó pá, porque o meu pai trabalhava sempre até tarde numa empresa e a minha mãe é que estava em casa e pronto, foi ela que sempre me acompanhou e era com quem eu passava mais tempo. O meu pai chegava sempre a casa depois da 8 da noite, por isso foi sempre desde miúdo até se reformar trabalhou sempre até tarde. Dentro das possibilidades da minha mãe era ela que me orientava nos trabalhos de casa. Só tem a

4ª Classe, mas pronto, até à primária ia-me orientando, mas primeiro tinha de ajudar a minha mãe a trabalhar no campo, depois ia lanchar, não é como agora. (risos)

Entrevistador - Tiveste que trabalhar.

L - Há pois.

Entrevistador - Notaste alguma diferença pelo facto de seres homem na tua educação?

L - Não. Mas quê no seio familiar?

Entrevistador - Não te deram mais liberdade pelo facto de seres homem? Aquelas tarefas domésticas...

L - Não sempre fiz, sempre fiz, sempre fiz. A minha mãe sempre me educou no sentido de participar nas tarefas domésticas, cozinhar, lavar, arrumar a cozinha e depois de adulto como vivi sozinho tinha de me desenrascar e nunca me queixei. Faço isso com normalidade e com naturalidade, mas a nível de educação familiar, sendo eu filho único e da parte do meu avô paterno também ser neto único tinha a minha madrinha, ui, de vez em quando, quando era pequenito apaparcava-me muito e eu não gostava. Excesso de mimo, nunca gostei. Dizia-lhe: “Não me chateie, não quero saber...” é verdade por acaso.

Entrevistador - E nos teus relacionamentos entre colegas, tens preferência pelo género masculino ou feminino?

L - É diferente o relacionamento com homens e com mulheres mas não tenho preferência.

Entrevistador - Ao nível laboral?

L - Ao nível laboral as mulheres são mais...ligam mais aos pormenores. Se calhar trabalhar com homens torna-se mais simples, mas não tenho preferências, acho que tenho desenvolvido uma boa relação profissional quer com homens quer com mulheres.

Claro que ser homem e mulher há uma visão diferente, há coisas intrínsecas do ser homem e do ser mulher. Entendo eu que as mulheres veem por vezes outros pormenores que nós homens não valorizamos tanto e até simplificamos e avançamos. Por vezes para desenvolver algum trabalho com algumas mulheres vão ao pormenor mesmo que não sejam fundamentais e principais para se fazer o trabalho mas pronto.

Entrevistador - Ligam o complicador.

L - Ligam o “complicometro”, algumas, nem todas.

Entrevistador - Praticas algum tipo de atividade desportiva ou de carácter social?

L - Nada, devia praticar uma atividade desportiva mas não o faço.

Entrevistador - Porquê, por questões de tempo?

L - Por questões de tempo. Eu gostava, quando estava na Madeira normalmente ia sempre para o ginásio, também vivia sozinho, não tinha os encargos que tenho hoje, familiares e tal e tinha tempo para isso e gostava e sentia-me bem porque para o teu equilíbrio físico, mental é importante. Lá está é o aspeto burocrático do nosso trabalho e perde-se mais tempo a pensar em coisas que não estão diretamente relacionadas com a parte letiva e com o que vais fazer com os miúdos mas com outras coisas que deveriam ser simplificadas e valorizarmos mais a nossa parte prática. Mas estavas a dizer de atividades, atividades de carácter social não mas cultural toco numa banda de música de Carregosa, toco tuba e é importante porque por acaso eu gosto. Ó pá, ando lá por amor à camisola, mas acho que é importante porque ajuda-me a espairecer a cabeça.

Entrevistador - Na infância e adolescência estabeleceste relações de amizade que se prolongam até aos dias de hoje?

L - Sim, colegas que andaram comigo desde a primária que estudaram até ao 9º ano e a minha relação com eles continua porque eu ando na banda, eles também andam. Mesmo outros colegas que os vejo...

Entrevistador - Que qualidades valorizas nas pessoas e que consideras essenciais para que sejam teus amigos?

L - Lealdade, respeito, ser um verdadeiro amigo. Um amigo não é só... quando precisas, está lá.

Entrevistador - A adolescência foi um período difícil na tua vida?

L - Não, foi um período normal.

Entrevistador - Lembraste assim de alguma situação que tenha marcado mais?

L - Não, mas tive sei, lá no 12º ano pronto eu andei aqui em S. João da Madeira na 3 e depois fui para a Guarda estudar e logo no 1º mês que entrei para a faculdade soube que tinham falecido três colegas meus aqui de S. João num acidente de carro, pronto, são essas coisas que nos fazem mais pensar.

Entrevistador - Então agora vamos falar um bocadinho do casamento. Casaste.

L - Casei há 3 anos.

Entrevistador - Aonde é que se conheceram e como é que se conheceram?

L - (Gargalhada) Sim senhor, conhecemo-nos aonde... como te disse estudei na Guarda, ia de autocarro e apanhava o autocarro e Albergaria-a-Velha eu ia lá com um amigo meu lá de Carregosa, íamos sempre juntos e conheci a minha mulher no autocarro (risos) e ela meteu conversa por causa da música porque ela também toca numa banda e eu ia a falar de música com o meu colega e ela começou a meter conversa: “Ah são músicos e num sei quê...” e a partir daí foi-se desenvolvendo e tal e encontramos-nos no

autocarro porque eu estudava na guarda e ela na Covilhã e íamos juntos e pronto foi-se desenvolvendo.

Entrevistador - E namoraram quanto tempo?

L - Namoramos para aí 10 anos.

Entrevistador - E como é que foi a festa da vossa união?

L - O casamento?

Entrevistador - Sim.

L - O casamento foi em Outubro e eu estava na Madeira, ela estava cá, ela estava, acho que tinha acabado o curso nesse ano, acabou o curso não tinha trabalho por isso teve mais disponibilidade mas pronto para a organização dos preparativos.

Entrevistador - Ela é professora de quê?

L - Física e Química. A organização global da cerimonia fomos nós os dois mas depois os pormenores, os convites, essas coisas todas foi ela que tratou.

Entrevistador - Então casaram pela igreja?

L - Casamos pela igreja em S. Tiago de Regoule, a boda também foi lá na Quinta de S. Tiago que é um sítio que eu recomendo, é muito giro, é aqui perto e pronto foi engraçado. Houve uns pormenores diferentes porque nós tocamos na nossa cerimónia na missa. Foi uma coisa engraçada.

Entrevistador - E gostas de ser casado?

L - Gosto (risos) não tenho...

Entrevistador - Porque é que gostas de ser casado?

L - (Riso) Acho que é importante e é necessário, não sei se me consegues perceber, sei lá meu, acho que faz falta para nos completarmos. Serias a mesma pessoa se não fosses casada? Se calhar estando casada e se tudo corre bem, se te conseguisses desligar se

calhar punhas-te assim a pensar:” Eu se não fosse casada, vou-me agora separar da realidade de estar casado, falta-me aqui qualquer coisa, estou manco” acho que é por aí.

Percebestes Ana?

Entrevistador - Percebi, percebi.

Entrevistador - E dividem as tarefas domésticas?

L - Sim, sim isso sim. Eu até faço questão, muitas vezes até sou eu que organizo, a minha mulher tem muita coisa para fazer, depois também anda na banda, temos a nossa filha pequena e eu sinto que ela também precisa da música para se libertar e pronto a minha sogra dá-nos uma ajuda muito importante, fica com a miúda e muitas vezes sou eu que organizo as tarefas domésticas sem qualquer stress nem problemática.

Entrevistador - Quando vão sair com quem saem e quais os destinos escolhidos normalmente?

L - (Riso) Assim sair ir passar férias?

Entrevistador - Saídas durante a semana ou ao fim-de-semana?

L - As saídas ultimamente tem sido com a família, com os pais dela e coma irmã.

Entrevistador - E vão normalmente aonde? Convívios familiares ...

L - Ai isso há muitos. Isso fazemos sempre, quer com a família dela, quer com a minha. A minha é mais pequena, são os meus pais, o meu avô e a minha madrinha, ela já não há família mais alargada. Fazemos muito esse tipo de convívios e passar férias para o estrangeiro, só fomos na lua-de-mel e com a banda que fomos ao Brasil e foram as únicas saídas para o estrangeiro. Estamos limitados ao nível económico e agora com a filha.

Entrevistador - Já me disseste que tens uma filha, foi planeada?

L - Foi, foi.

Entrevistador - A gravidez da tua mulher correu bem?

L - Por acaso não, a minha mulher tinha hipertensão e ia começar a fazer um tratamento e tal e pensamos depois quando isso tiver organizado pronto, mas surgiu felizmente graças a Deus está tudo bem.

Entrevistador - A gravidez correu com alguns altos e baixos por causa desse problema.

L - Foi, porque a minha mulher teve uma alteração hormonal no fígado que desencadeou todo o processo de a Leonor ter nascido prematura, felizmente correu tudo bem, graças a Deus.

Entrevistador - E tinham preferência pelo sexo do bebé?

L - Não quer dizer, eu no fundo, no fundo, até gostava que fosse uma menina, até o meu avô dizia que ia ser uma menina e pronto e foi. Como a minha sogra tem um neto da outra filha, do lado dos meus pais é neta única como é obvio, mas da parte da minha sogra é a segunda neta e como tinha um menino.

Entrevistador - E ela já brinca?

L - Já, já.

Entrevistador - Ao que é que ela gosta de brincar?

L - (Tosse) Desculpa, acho que ela gosta de brincar com tudo, tem imensos brinquedos, aquelas coisas normais de bebé. Tudo que tem som ela gosta.

Entrevistador - Gostas de brincar com ela?

L - Gosto, acho que devia ter mais tempo para isso.

Entrevistador - E como é que é o relacionamento dela com o pai?

L - Acho que é um relacionamento bom normal.

Entrevistador - Ela ainda não anda na escola?

L - Não felizmente está com a minha sogra, pronto, quando tiver três anos ai sim, e mesmo os médicos e eu acho que nesta fase quem tiver a possibilidade de deixar alguém de família é diferente.

Entrevistador - Vocês respeitam o calendário religioso?

L - Sim.

Entrevistador - Frequentam a igreja?

L - Quando podemos, acho que para quem é católico. Cada um vive a fé à sua maneira, não é preciso andarmos ali sempre na missa para sermos católicos. Do meu ponto de vista pessoal procuro de vez em quando ir.

Entrevistador - Que programas televisivos te interessam mais?

L - Atualmente telejornais nada, só desportivos e culturais, mas culturais infelizmente na nossa nos nossos canais portugueses são poucos e passam tarde e a más horas. Gosto de ver documentários de todo o género, de arquitetura, de música, tipo aqueles comentários que dá no discovery, national geographic...e de vez em há alguns programas da sic radical que eu até gosto, 5 para a meia-noite, coisas assim desse género.

Entrevistador - E livros lêes?

L - Leio. O último que ando a ler, já parei a algum tempo, comecei-o a ler quando estava de licença de paternidade, é um livro bastante denso ó pá e é daquele neurocirurgião António Damásio, acho que é António Damásio, mas se queres que te diga agora não me estou a recordar.

Entrevistador - Mas há algum livro que te tenha marcado mais até hoje?

L - Há um que é: “Pai por favor não”. É um livro que fala sobre a deficiência e sobre maus tratos de uma criança, é um livro bastante forte.

Entrevistador - Preocupa-te a crise política, económica e social que o nosso país está atravessar?

L - Preocupa-me porque as pessoas que nos governam não são sérias, se as pessoas fossem sérias não estaríamos onde estamos hoje, porque eu no meu trabalho tento ser o mais profissional possível e ser sério, claro que por vezes tenho as minhas dificuldades e não conseguirei fazer o meu trabalho a cem por cento ou falha alguma coisa ou outra mas os nossos chefes devem-nos orientar para o caminho correto e pronto, tento sempre fazer um trabalho de forma correta, com os nossos governantes isso não se passa, estamos onde estamos por esses desfalques económicos e todas essas coisas porque as pessoas não são sérias nem são responsáveis, ponto final se as pessoas fossem sérias...

Entrevistador - Mas de que forma é que isso te preocupa?

L - Preocupa-me o futuro, as pessoas para já andam tristes, preocupadas porque isto hoje em dia está tudo... não há sustentabilidade económica para o país. Pensamos para onde é que isto vai e ainda por cima tu põe-te assim a pensar “eu não contribui para nada disso” e se calhar quem foi responsável por esta desgraça económica na qual estamos, são aquelas pessoas que ainda veem para a televisão dizer: “Ah os portugueses ainda vão ter de apertar mais o cinto” e essa pessoa aonde é que devia estar? Na cadeia, presa.

Entrevistador - E relativamente à avaliação dos professores? O que é que tens a dizer sobre isso? Concordas, achas que é a melhor forma de avaliar os professores?

L - Acho que não, não é clara nem objetiva nem contribui para que nós melhoremos enquanto professores e depois está-se a criar um ambiente! O que vale é que eu não valorizo muito.

Entrevistador - E dentro do grupo, achas que também há esse ambiente, dentro do grupo da Educação Especial?

L - Poderia haver, mas o que vale é que eu não valorizo muito. Se calhar até poderia discordar da minha nota, mas não vou influenciar o meu relacionamento com os outros por causa disso, porque também sei que quem nos avalia está limitado por todas as condicionantes legais e as cotas. Tudo que seja avaliar desde uma pergunta, uma resposta é uma coisa muito subjetiva.

Entrevistador - Não te preocupa o facto de a avaliação contar para efeitos de concurso?

L - Preocupa claro que sim porque nós contratados vamos às listas e vemos: "Eh pá estes saltaram um valor porque tiveram muito bom e eu quem sou eu para julgar mas posso pensar assim eu se calhar com o meu trabalho também poderia ter muito bom mas não tenho". É como te digo, se for continuando a ter trabalho e saúde. A avaliação sei lá, acho que devia ser entre pares, mas uma avaliação mais informal mas verdadeiramente objetiva, tudo que seja avaliação é muito difícil ser objetiva, o avaliar tem um quê de ambíguo e de subjetivo, mas acho que devíamos sentar e ver as minhas dificuldades são estas, o que é que vamos fazer para melhorar e irmos melhorando efetivamente, se não melhorássemos aí sim ser penalizados e uma coisa muito mais uniforme não é.

Entrevistador - Que aspetos consideras mais positivos na tua experiência pessoal?

L - O nascimento da minha filha, sei lá o meu pai ter saído do coma porque ele esteve doente e tal.

Entrevistador - E menos positivos, ou seja, que de alguma forma te tenham trazido alguma mágoa.

L - A morte do meu avô, dos meus avós maternos.

Entrevistador - Achas que este conjunto de experiências tanto na tua vida pessoal como profissional foi válido para ti? Tornaram-te uma pessoa diferente, foram uma mais valia.

L - Fui amadurecendo com tudo o que me aconteceu de bom e de mau na vida. É como uma fruta. Uma maçã vai amadurecendo ao longo do tempo, poderá do lado que apanha mais sol ficar mais pisada, pronto não deixa de ser uma maçã. Poderá uma parte estar mais afetada do que outra mas vai crescendo tas a perceber.

Entrevistador - Terias outras questões a acrescentar além das que te coloquei?

L - Não, acho que não.

Entrevistador - Se tivesses que fazer um retrato de ti mesmo o que é que dirias?

L - Um retrato de mim aaa (gargalhada) tento ser uma pessoa simples, que consiga ajudar os outros, não se pode agradar a toda a gente mas tento saber jogar com toda a gente e tento ser amigo de quem me rodeia e se precisarem de mim para alguma coisa olha estou disponível. É, o que posso dizer.

Duração: 54:19